

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO PUBLICIDADE E
PROPAGANDA**

**TERCEIRA REALIDADE: O PODER POLÍTICO DE STALIN SOBRE A
FOTOGRAFIA**

Rodrigo Petruzzi da Silva

Orientadora Prof^a Doutor^a Maria Berenice da Costa Machado

PORTO ALEGRE

2012

RODRIGO PETRUZZI DA SILVA

TERCEIRA REALIDADE: O PODER POLÍTICO DE STALIN SOBRE A FOTOGRAFIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação – Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Berenice da Costa Machado

PORTO ALEGRE, RS

2012

TERCEIRA REALIDADE: O PODER POLÍTICO DE STALIN SOBRE A FOTOGRAFIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação – Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Berenice da Costa Machado

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Andréa Bracher

Prof^a Maria Berenice da Costa Machado

Prof^a Maria Helena Weber

RESUMO

Esta pesquisa abrange a análise de cinco fotografias e suas devidas manipulações ocorridas durante o regime de Josef Stalin na União Soviética (1922-1953). Os objetivos são compreender de que maneira estas alterações afetaram a memória social soviética sobre os documentos fotográficos e seus personagens e quais os métodos utilizados pelo líder do governo para conseguir legitimar seu poder diante do povo. A base do conteúdo é composta por uma bibliografia que envolve o contexto histórico e social da União Soviética e conceitos sobre poder, fotografia, memória e documento social.

Palavras-chave: Stalin; manipulação; fotografia; memória; poder.

ABSTRACT

This research covers the analysis of five photographs and their proper manipulations occurred during the regime of Josef Stalin in the Soviet Union (1922-1953). The goals are to understand how these changes affected the Soviet social memory and photographic documents about their characters and what methods are used by the leader to get the government to legitimize its power to the people. The basis of the content consists of a bibliography which involves the historical and social context of the Soviet Union and concepts about power, photography, memory and social document.

Keywords: Stalin, manipulation, photography, memory, power.

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1	47
Imagem 2	48
Imagem 3	49
Imagem 4	50
Imagem 5	51
Imagem 6	51
Imagem 7 e detalhe.....	52
Imagem 8	54
Imagem 9	54
Imagem 10	55
Imagem 11	57
Imagem 12	57
Imagem 13	58
Imagem 14	59
Imagem 15	60
Imagem 16	61
Imagem 17	61
Imagem 18	62
Imagem 19	63
Imagem 20	69

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Contextualização Histórica: Estado Soviético no Século 20.....	11
2.1 A Revolução Russa.....	11
2.1.1 Guerra Civil	13
2.1.2 Nova Política Econômica – NEP	15
2.1.3 Ascensão Política de Stalin.....	16
2.2 Stalinismo.....	21
2.2.1 – Planos Quinquenais	23
2.2.2 – O Apogeu da Ditadura.....	24
3 – O Poder do Estado e a Fotografia como Documento Social	29
3.1 – Aparelhos do Poder.....	29
3.2 – Legitimidade dos Poderes de Stalin	33
3.3 – Aparelhos Ideológicos Soviéticos.....	35
3.4 - Fotografia como Documento Social	38
3.5 – Censura e Manipulação Fotográfica.....	41
3.6 – Lembranças: Memórias e Realidades	43
4. Stalin e a Terceira Realidade: Fotografias Originais e Alteradas	46
Fotografia 1 - Velhos Bolcheviques.....	47
Fotografia 2 – O Sumiço do Comissário.....	51
Fotografia 3 – Próximo a Lenin	54
Fotografia 4 – Quatro, três, dois, um.....	57
Fotografia 5 – Afogado em Sangue.....	61
5. Considerações Finais	65
Referências Bibliográficas	71
Glossário.....	73

1. Introdução

O início do século 20 foi um período conturbado, e assim como foi o de transição e consolidação do governo soviético, deve sempre ser analisado com atenção extra, principalmente nas questões midiáticas, pois são elas que promovem a propagação dos ideais e fortalecem ou enfraquecem os líderes. Após a morte de Lenin, o comando comunista russo ficou sem um nome de liderança, o que provocou a disputa de cargo principalmente entre Stalin e Trotsky. O primeiro acabou vencedor e começou sua campanha de caça à oposição. Stalin utilizou-se de seu poderio quase ditatorial para interferir diretamente na memória social da União Soviética, com objetivos de apagar fatos e pessoas da história do país e forjar acontecimentos caluniosos.

O tema desta pesquisa e seu objetivo principal é analisar como o poder de Stalin interferiu na memória social de documentos fotográficos soviéticos, que se transfiguram na memória e na própria história soviética. Seu regime durou trinta e um anos (1922 – 1953), mas suas marcas e consequências estão presentes nos governos e anos posteriores a sua morte. Aprofundando esta análise, buscamos entender alguns traços da vida social na União Soviética no regime de Stalin e como seu poder ganhou legitimidade diante da população.

O objeto de estudo são cinco fotografias do livro *The Commissar Vanishes* (1997) de David King. Segundo o autor, as fotos ali presentes são os documentos originais e vêm acompanhadas de suas manipulações sofridas durante o governo de Stalin. O livro foi elaborado por um trabalho minucioso do autor, um colecionador inglês, que passou vinte e sete anos na União Soviética recolhendo registros e vasculhando museus em busca do que considera as fotografias originais do regime de Stalin.

Com base em conceitos de fotografia, principalmente nos que se referem à realidades, elaborados por Kossoy (1999) e presentes no capítulo três desta pesquisa, sugerimos que a intenção de Stalin, com suas manipulações fotográficas, era criar uma terceira realidade e torná-la a única e absoluta na União Soviética. Para isto buscamos os pilares de sustentação necessários para a implantação desta realidade, que acreditamos encontrá-los nos aparelhos ideológicos e repressivos do estado. As fotografias originais e suas manipulações, segundo King (1997), juntos à contextualização histórica do momento de cada registro e as técnicas de

manipulação utilizadas, resultam na análise das cinco fotografias selecionadas para esta pesquisa.

A primeira fotografia analisada é a Imagem 1 - Velhos Bolcheviques. Sua escolha se deu pelo fato de que em seu registro e modificações estão presentes tanto os traços de extermínio de inimigos, como a intenção de apresentar uma amizade íntima com Lenin e o culto a personalidade de Stalin.

A segunda fotografia é a Imagem 2 – O Sumiço do Comissário. A fotografia tachada como original pelo autor e sua modificação, representam, principalmente, a intenção de exclusão de Trotski de imagens ao lado de Lenin. Esta evidência de intenção justificou sua presença na análise.

A terceira fotografia é a Imagem 3 – Próximo a Lenin. Esta fotografia foi selecionada para análise pois em sua modificação fica clara outra técnica de Stalin para ter sua figura aproximada a de Lenin. Neste caso é ligando-se a um amigo em comum do antigo líder, o escritor Gorki.

A quarta fotografia é a Imagem 4 – Quatro, Três, Dois, Um. Esta fotografia e suas manipulações foram escolhidas pelo fato de cada um dos registros fazer parte de um período do governo de Stalin, desde sua posse até próximo a sua morte, podendo ligarmos as modificações às intervenções do regime.

A quinta e última fotografia analisada é a Imagem 5 – Afogado em Sangue. Este registro e sua modificação estão presentes porque na história por trás das imagens temos Stalin sendo vítima de seu próprio regime. Obviamente quem foi retirado da foto não foi ele, e sim um membro de seu governo, mas sua intenção não era de excluí-lo da fotografia, e somente a fez por necessidade política.

Estruturalmente esta pesquisa é dividida em quatro partes. Primeiro expomos o contexto histórico que antecedeu o governo de Stalin e o seu próprio governo, com dados sociais, econômicos, políticos e conflitos. Baseio-me nas obras dos historiadores mundiais Eric Hobsbawn e Pierre Broué e nos estudiosos soviéticos Edward Carr, Isaac Deutscher e Dmitri Volkogonov. Somam-se também as leituras de diversos livros de Trotski e um manifesto de Stalin.

No capítulo seguinte buscamos uma relação entre o poder de manipulação, doutrinação e repressão ideológica com os documentos sociais, focando no objeto de pesquisa que é a fotografia. A primeira parte é voltada para este viés político de ideologia, expondo teorias de um contexto político global através dos pensamentos

de Tchakhotine e Althusser e outros especificamente soviéticos, como os Hollander. A segunda parte tomamos o conhecimento fotográfico de Gisèle Freund, Kossoy e Barthes. A primeira com enfoque à relação entre fotografia e documento, os dois últimos em uma relação semiótica de signos e símbolos. Logo segue uma análise sobre documento e memória social, fundamentada por pensadores como Foucault, Halbwachs, Pomian e Le Goff.

O quarto capítulo é a junção de todo este conhecimento obtido e sua utilização para a análise de cinco documentos de imagem e suas manipulações no regime de Stalin. As fotografias foram retiradas da coleção do colecionador inglês David King e são sempre contextualizadas pelos relatos obtidos por entrevistas do historiador inglês Orlando Figes de sobreviventes do período Stalinista. No final de cada análise expomos as fotografias lado a lado, para que as manipulações possam ser visualizadas com maior clareza.

Por fim temos as considerações finais, aonde iremos apresentar as conclusões finais sobre a análise das fotografias e suas manipulações.

2. Contextualização Histórica: Estado Soviético no Século 20

De acordo com Broué (1996), a Rússia era a bomba relógio do século 20, os conflitos com o Czar Nicolau II, a participação mortal na Primeira Guerra Mundial, além da fome, pobreza e falta de perspectiva, apenas fortalecem esta afirmação. Correntes iluminadas pelos pensamentos marxistas formaram-se na idéia de combater a monarquia autocrata, e seus seguidores, sabendo que nenhum agrupamento político poderia fazer uma revolução sozinho, necessitavam de uma organização, de uma liderança, e na Rússia esta se deu principalmente na figura de Lenin. A revolução se concretizou e seu grande mérito foi, segundo Broué (1996), ter conquistado a convulsão de uma sociedade inteira com suas contradições e suas aspirações. Neste capítulo, através de bibliografias específicas sobre tema, contextualizaremos historicamente o Estado Soviético desde sua construção com a Revolução Russa até a queda de Stalin, que é o foco desta pesquisa.

2.1 A Revolução Russa

O historiador Edward Carr deixa explícito os propósitos desta revolução no primeiro parágrafo de seu livro *A Revolução Russa de Lenin a Stalin* (1979), é “o primeiro desafio claro ao sistema capitalista” sendo ao mesmo tempo uma consequência e causa de seu declínio. A Rússia contava com sua economia rural estagnada e tinha seus trabalhadores, os camponeses, famintos e miseráveis. Somado a isso, temos o começo da industrialização e sua penetração na primitiva economia local, que provocou a ascensão da classe forte, influente e rica, que era dos industriais e financeiros. Este novo patamar econômico estimulou a infiltração de ideias liberais ocidentais, que se chocavam diretamente com poder autocrata russo (CARR, 1979).

Simultaneamente, a participação na Primeira Guerra Mundial arrasava o moral das tropas e a economia russa. Dezesesseis milhões de russos foram mobilizados, entre os quais doze milhões eram camponeses, a consequência foi uma severa redução na mão de obra agrícola e diminuição das produções. Isso refletiu na economia urbana, os preços dos alimentos subiram e o abastecimento às grandes cidades ficou escasso. A maior parte da diminuta produção era dirigida às tropas, que já somavam quatro milhões de baixas entre mortos, mutilados e enfermos. O exército também requisitava o gado dos pequenos e médios agricultores, tirando-os ao mesmo tempo um instrumento de trabalho e uma fonte de recursos (BROUÉ,

1996). A situação tornou-se insustentável quando uma manifestação de mulheres foi reprimida pelo exército do czar, no entanto, o que se viu, foi uma mudança de lados e o estopim para o começo da revolução, como afirma Hobsbawn (1994, p.67): “A fragilidade do regime se revelou quando as tropas do czar, mesmo os leais cossacos de sempre, hesitaram e depois se recusaram a atacar a multidão, e passaram a confraternizar com ela.”

O czar Nicolau II renunciou e era o fim da dinastia dos Romanov. Em contrapartida começou um período de dualidade de poder, de um lado os soviets operários e do outro a burguesia liberal. Estes últimos buscavam neutralizar o movimento das massas por meio de concessões políticas, procurando deixar a revolução como uma revolta burguesa e nada além disso, tendo auxílios fundamentais no seio do partido operário e popular daqueles que por suas defesas e ideais passaram a ser chamados de *mencheviques*. Aqueles que se opuseram a este apoio e defenderam prioritariamente o poder dos operários foram chamados de *bolcheviques*. Foi uma divisão de ideais entre os soviets, tornando tripla a disputa pelo poder. Os *bolcheviques* passaram a lutar pela saída da guerra e da disputa, pelo fim da fome que atacava a população e por uma divisão justa de propriedades (BROUÉ, 1996, p.12). O resultado destas investidas são confirmadas por Hobsbawn:

O slogan "Pão, Paz, Terra" conquistou logo crescente apoio para os que o propagavam, em especial os bolcheviques de Lenin, que passaram de um pequeno grupo de uns poucos milhares em março de 1917 para um quarto de milhão de membros no início do verão daquele ano (HOBBSAWN, 1994, p.68).

Este slogan foi um dos pilares das *Teses de Abril* redigidas por Lenin, que de acordo com Broué (1996, p.18), apontava aos camponeses e operários a luta pelo poder dos soviets, para que a revolução russa marcasse o início da revolução mundial, em suas palavras Broué afirma:

(...) Lenin, com as Teses de Abril, aderiu de fato à teoria “revolução permanente” formulada por Trotski a partir das lições da Revolução de 1905: somente os operários e os camponeses, através da ditadura do proletariado exercida pelos soviets, poderiam transformar a Rússia e dar assim o pontapé inicial da revolução mundial. É Trotski, novamente presidente do Soviete de Petrogrado, quem dirigiu a insurreição de outubro na capital. Ídolo dos operários e dos marinheiros, adquiriu grande popularidade (BROUÉ, 1996, p.19).

Segundo Broué (1996), é esta profunda aderência da massa que possibilitou frear e canalizar os burgueses e os socialistas conciliadores, fazendo-se sentir realmente quando, em outubro de 1917, liderados por Lenin, terminam com a dualidade do poder e passam a governar com todo o poder aos soviets, foi a Revolução de Outubro. Um decreto sobre a imprensa previa a interdição dos jornais que não reconhecessem o poder dos soviets e as empresas privadas foram tomadas pelo comando operário, que passou a administrá-las.

2.1.1 Guerra Civil

Dentro do partido, a paz deveria ser, entre os brados levantados durante a revolução, o primeiro direito conquistado. No entanto, do outro lado o inimigo fazia reivindicações. Alemanha e Áustria-Hungria lançaram um ultimato à Rússia onde esta última deveria reconhecer a independência de Lituânia, Bielo-Rússia, Letônia, Polônia e Ucrânia, em troca de um acordo de paz. Os *bolcheviques* dividiram-se em duas frentes: a primeira, defendida por Lenin, aceitava as condições alemãs pois o Estado já não possuía mais recursos para sustentar uma campanha militar e necessitava de ressalvas econômicas para se manter no poder. Já a segunda, defendida por Bukharin, acreditava que aceitar as condições impostas seria curvar-se ao imperialismo alemão e portanto uma traição à revolução mundial, deveriam então encerrar as negociações, fazer campanhas para alistamentos maciços e promover uma guerra revolucionária (BROUÉ, 1996).

De acordo com Broué (1996) a solução partiu de Trotski, que mesmo não contando com total apoio de Lenin, viu sua ideia ser aprovada pelo Conselho Central por 9 votos a 7. Ela consistia em a Rússia sair da guerra e desmobilizar as tropas, sem assinar um tratado de paz. Este desligamento da guerra sem o consentimento dos inimigos provocou uma forte investida do exército alemão, que além de tomar diversas rotas ferroviárias e armamentos do debandado exército russo, exigiu, além das antigas reivindicações, a independência da Finlândia, de todos os países bálticos e uma indenização de seis bilhões de marcos-ouro, para encerrar as investidas. Aceitar esta decisão seria reduzir o território russo em 27% de sua superfície cultivável, 75% de sua produção de carvão, ferro e aço e 40% do seu proletariado industrial. Voltou à pauta do Conselho Central a aceitação das exigências alemãs, dividindo-o novamente: um lado, apoiado por Lenin e Trotski,

não via saída senão a aceitação; o outro, apoiado por Bukharin, opunha-se categoricamente à assinatura do tratado. Por 7 votos a 4 foi decidida a aceitação do tratado alemão em conjunto com suas demandas (BROUÉ, 1996, p.36).

Essa instabilidade no Partido foi um incentivo à reestruturação da oposição, e os denominados *brancos*, contrários à revolução e a favor da volta da monarquia, ganharam força com a ajuda tanto da Alemanha quanto dos aliados (Estados Unidos, França, Inglaterra). A Rússia teve seu território controlado nas fronteiras com a Europa e na costa pacífica, onde sofreu baixas severas de tropas, além de pilhagem e incêndios das áreas perdidas. O comando do Exército Vermelho foi passado para Trotski na esperança de suportarem as investidas, de acordo com Broué:

Os vermelhos se beneficiaram primeiramente da concentração de suas forças, superiores em número, em face da dispersão de seus adversários menos numerosos. (...) a massa camponesa escolheu o lado dos vermelhos: estes lhe ofereciam um futuro e garantiam a terra que os brancos ameaçavam retomar. Isto resultou numa atitude favorável das populações e na lealdade dos soldados.

Nas guerras civis, a superioridade política sempre tem primazia sobre a técnica pura. Outra prova pode ser encontrada no fato de que a falta de entusiasmo e a resistência de seus soldados bem como o medo da confraternização e do contágio revolucionário frearam a intervenção dos aliados (BROUÉ, 1996, p.40).

Mesmo saindo vitoriosa da Guerra Civil, o governo da situação viu a Rússia mergulhar em uma crise econômica e estrutural. Grande parte do país estava devastado pelas batalhas, o sistema de transportes que contava com dezoito mil locomotivas e um tráfego de dez milhões de toneladas em 1913, passou a ter apenas quatro mil locomotivas e um tráfego de três milhões de toneladas. Os executivos e empresários abandonaram ou sabotaram suas antigas fábricas, deixando-as totalmente no controle dos comitês operários, que careciam de meios, técnica e experiência para administrá-las. Do ponto de vista político e moral também ficaram marcas, o humanitarismo, que levou os bolcheviques a abolirem a pena de morte e libertar aqueles que os haviam combatido anteriormente, teve de ser esquecido. Com medo de que a instabilidade fortalecesse novamente os simpáticos à monarquia, a *tcheka*¹ foi encarregada de assassinar o antigo czar e todos os membros de sua família. (BROUÉ, 1996). Um êxodo urbano se fez presente quando a inflação estourou, o que por sua vez repercutiu na desintegração do proletariado.

¹ Comissão Extraordinária encarregada de combater a contra-revolução e a sabotagem ao regime

Os camponeses recuaram para uma economia de subsistência e não produziam em excesso pois teriam suas produções confiscadas pelas autoridades sem receber nenhum benefício. O descontentamento das classes fez com que voltasse à tona alguns mencheviques e seus ideais e em resposta a todas as ameaças foi convocado o 10º Congresso do Partido (CARR, 1979, p.37).

2.1.2 Nova Política Econômica – NEP

O período da NEP não só modelou o que viria a ser a estrutura constitucional permanente da URSS, como também determinou as linhas a serem seguidas durante muitos anos, em suas relações com os países estrangeiros (CARR, 1979, p.43).

Esta citação ilustra a dimensão das consequências desta nova política econômica votada e adotada a partir do 10º Congresso. As principais mudanças foram sentidas em todos os setores da economia, começando pela agricultura. De acordo com Broué (1996, p.53), o camponês, após pagar um valor proporcional à sua produção, poderia vender seu estoque excedente. Para que isso ocorresse era necessário estimular a indústria, principalmente a pequena e artesanal, a produzir mercadorias que despertassem desejo de compra nos camponeses. Sendo assim, permitiu-se a liberdade de atividade no setor de serviços de pequeno porte, as empresas com menos de vinte funcionários antes estatizadas foram devolvidas aos seus ex-donos e foi aberta a possibilidade de concessões às empresas estrangeiras dispostas a investir nas riquezas naturais russas, através de sociedade mista com o Estado. A proposta do NEP fica evidente nesta afirmação de Carr:

Era a inversão da política do comunismo de guerra. A idéia era encorajar o camponês a produzir para vender, recriar um mercado rural para reanimar a indústria e, simplesmente, recriar um sistema de mercado a partir disso (BROUÉ, 1996, p.54).

Com a reintrodução dos processos de mercado ocorre o surgimento de novas classes sociais. No campo, nota-se o *kulak*, o camponês abastado, de acordo com Carr (1979, p.41) “o camponês pobre produzia para subsistência (...) se procurava o mercado era mais frequentemente como comprador do que como vendedor. O *kulak* produzia para o mercado e tornou-se um pequeno capitalista”. Esta classe poderia ser considerada como o verdadeiro senhor da aldeia, pois era, de fato, economicamente seu dono. Controlava os demais camponeses pelas dívidas ou pelo trabalho que lhes podia oferecer, e este distanciamento e poderio que crescia sem cessar provocava o descontentamento da massa rural pobre.

Descontentamento este pouco questionado pelos membros do Partido ao passo que as produções dos *kulaks* proporcionavam suprimentos suficientes para alimentar as cidades (BROUÉ, 1996, p.55).

Nas cidades ocorre o surgimento dos *nepman*, pessoas ligadas a NEP. Eram estes os empresários, os novos comerciantes e fornecedores de novos serviços. Houve um crescimento dos técnicos, engenheiros, contadores e outros especialistas, todos seduzidos pelos altos salários que o governo oferecia para estes cargos. O nível de vida desta nova classe contrastava com o das massas, o que provocou novamente o interesse destas aos ideais mencheviques e anarquistas. A situação bolchevique defendia o congelamento dos salários e era contra a greve contra o Estado Operário, já os mencheviques e anarquistas defendiam o aumento salarial e denunciavam os novos patrões. Segundo Broué (1996, p.55) “o partido entende que não pode ceder, que deve impor sua vontade de vencer aos trabalhadores cansados”, e esta imposição fica evidente nas medidas tomadas posteriormente, como a supressão da imprensa menchevique, social-revolucionária e anarquista, e líderes da oposição exilados ou presos. Era o final do que restara da democracia soviética.

2.1.3 Ascensão Política de Stalin

O desligamento da democracia e o distanciamento do ideal inicial bolchevique promovem um desinteresse nos militantes e alguns integrantes do Partido. Em contra partida nota-se um crescimento do aparelho partidário, principalmente dos militantes profissionalizados, assalariados pelo partido. Ao invés de ocorrer o restabelecimento das eleições pela base, assiste-se cada vez mais a nomeação por via da recomendação. Os nomeados e seus nomeadores, por estes motivos, passaram a ser chamados no partido e na imprensa como os *apparatchiki*, ou homens do aparelho. Para alguns membros, os *apparatchiki* organizavam a promoção, no aparelho, de homens à sua imagem e, sobretudo, a eles devotados, afastando sistematicamente os autênticos militantes comunistas. De acordo com Broué:

Os senhores deste aparelho, cuja influência se fazia sentir a cada dia um pouco mais, eram velhos bolcheviques até então em segundo plano, aqueles que não possuíam as qualidades de dirigentes de massa mas as de organizadores pacientes e tenazes (BROUÉ, 1996, p.57).

Neste perfil de organizadores pacientes e tenazes em que o autor os enquadra, destaca-se principalmente a figura de Josef Stalin, que em abril de 1922 é designado como secretário geral do Comitê Central do Partido, um mês após o primeiro acidente vascular de Lenin. Quando este último volta ao trabalho depois de um período de afastamento para recuperação, surpreende-se com a maneira pela qual Stalin havia acumulado poder e autoridade. Notou um aumento da burocracia no Estado e dentro do Partido, fato pela qual passou a desconfiar da personalidade de Josef Stalin, o que fica evidenciado em trechos de sua carta ao congresso, considerado seu testamento político, que além de criticar abertamente a figura de Stalin, prevê o rompimento deste com Trotsky:

“Creio que o fundamental no problema da estabilidade, desde este ponto de vista, são tais membros do CC como Stalin e Trotsky. As relações entre eles, a meu modo de ver, encerram mais da metade do perigo desta divisão que se poderia evitar (...)

O camarada Stalin, tendo chegado ao Secretariado Geral, tem concentrado em suas mãos um poder enorme, e não estou seguro que sempre irá utilizá-lo com suficiente prudência. (...)

Stalin é brusco demais, e este defeito, plenamente tolerável em nosso meio e entre nós, os comunistas, se coloca intolerável no cargo de Secretário Geral. Por isso proponho aos camaradas que pensem a forma de passar Stalin a outro posto e nomear a este cargo outro homem que se diferencie do camarada Stalin em todos os demais aspectos apenas por uma vantagem a saber: que seja mais tolerante, mais leal, mais correto e mais atento com os camaradas, menos caprichoso, etc. Esta circunstância pode parecer fútil tolice. Porém eu creio que, desde o ponto de vista de prevenir a divisão e desde o ponto de vista do que escrevi anteriormente sobre as relações entre Stalin e Trotsky, não é uma tolice, ou se trata de uma tolice que pode adquirir importância decisiva (...) (LENIN, 1922)².

Vale ressaltar que este documento, assim como o combate de Lenin à Stalin nos seus últimos meses de vida, foram por muito tempo negados, sendo levados ao conhecimento público apenas através de Trotski. Atualmente sabe-se que são fatos incontestáveis devido ao aparecimento e descoberta de documentos e cartas (BROUÉ, 1996, p.58).

De acordo com Carr (1979), Trotski devia sua posição no partido ao forte apoio de Lenin, contudo, com a incapacidade deste último, Trotski era uma figura isolada e sem vontade nem poder para chegar à liderança do Partido. Por outro lado, três líderes destacados, Stalin, Zinoviev e Kamenev, uniram-se, formando a *tróica*, para impedir qualquer crescimento na atuação de Trotski. Este perdeu mais força quando em dezembro de 1922 Lenin sofreu seu segundo acidente vascular, e em março de

² Disponível em www.marxists.org acessado em 4 de Outubro de 2012

1923 sofreu seu terceiro, que encerrou definitivamente a participação política do líder. Ainda neste mesmo ano uma grande crise afetou o país, o NEP parecia não dar resultado e a situação ficou conhecida pela alcunha dada por Trotski: a crise da tesoura³.

O motivo do nome era o fato de que as curvas dos preços industriais e dos preços agrícolas não paravam de se afastar, assim como as lâminas de uma tesoura. Enquanto os preços industriais disparavam, os agrícolas estavam estagnados, retraindo as compras e reduzindo o mercado. Como solução Stalin defendia a manutenção da NEP, o rebaixamento por decreto dos preços industriais e a redução dos impostos para reconquistar camponeses, enquanto Trotski pronunciou-se por um aumento dos impostos sobre os *kulaks*, o que permitiria ao Estado investir mais na indústria e iniciar o planejamento.

Um momento de turbulência social começa a instaurar-se com princípios de greves e algumas iniciativas de conflitos (BROUÉ, 1996). A propósito desta agitação o Birô Político instaurou a proposta de que todos os membros do Partido denunciassem críticas e veleidades de oposição. Trotski não concorda com esta intervenção e através de um manifesto contra a burocracia do Partido e o seu autoritarismo, ataca diretamente a figura de Stalin. A resposta a esta oposição ao aparelho por Trotski e seus simpatizantes é descrita por Broué:

O aparelho revidou com todas as armas de que dispunha. A partir de então passou a controlar rigidamente a publicação dos artigos. O Birô de Organização, sob as ordens do secretariado-geral, recorreu sistematicamente às transferências compulsórias e ao afastamento dos opositores. A maioria dos membros do Comitê Central e da Juventude Comunista, partidários da Oposição, foi nomeada para postos do Partido na Sibéria e numerosos militantes da oposição foram enviados ao exterior (BROUÉ, 1996, p.63).

Lenin faleceu em 21 de janeiro de 1924. Em seu funeral Stalin distinguiu-se de seus colegas com uma nota de extrema adoração e dedicação à causa, nunca utilizada pelos companheiros: “nós comunistas” seriam os discípulos humildes e leais, comprometidos com a realização de todas as instruções do mestre morto (CARR, 1979, p.68). Segundo Broué (1996, p.65) “o Partido estava nas mãos do aparelho e o aparelho nas mãos do secretário-geral, que se tornara, deste modo, o senhor de todo o país, uma vez que o Partido Comunista era o único partido”. O

³ Primeira crise econômica após a implantação da NEP, recebe este nome justamente por seu gráfico, apresentado por Trotski, mostrar duas retas cruzando-se, uma ascendendo (preços dos manufaturados) e outra declinando (preços agrícolas), assemelhando-se a forma de uma tesoura.

ataque à personalidade de Trotski acirrou depois que Lenin não estava presente mais para lhe dar suporte. Stalin, numa tentativa de desacreditar o oponente, declara que a revolução permanente defendida por Trotski bate de frente com a teoria da revolução proletária de Lenin, citando que este último muitas vezes havia previsto em seus escritos a possibilidade de uma vitória do socialismo num só país. Isso fortalecia o orgulho nacional, apresentando a revolução como uma realização especificamente russa e a construção do socialismo como um grandioso feito do proletariado russo que serviria de exemplo para o mundo, além de ligarem todas estas mudanças à figura de Stalin (CARR, 1979, p.73).

Em reflexo à Crise da Tesoura, mudanças estavam sendo analisadas. Stalin defendia fielmente as ideias de Bukharin, membro do Comitê Central, que acreditava no sucesso da industrialização através da prosperidade do camponês. Outra proposta surgia de um antigo colaborador do próprio Bukharin, Preobrajenski, e homem de confiança de Zinoviev e Kamenev. O inevitável conflito das ideias resultou na expulsão de Preobrajenski do Partido e foi o ponto inicial para o esfacelamento da *tróica* (BROUÉ, 1996). Segundo o mesmo autor, o fato culminante para o fim da união entre Stalin, Zinoviev e Kamenev foi após o debate literário, onde Trotski publicaria seus escritos as *Lições de Outubro*, atacando severamente todos os membros da *tróica*.

Diante das acusações, Zinoviev e Kamenev reclamaram a expulsão de Trotski do Partido, entretanto Stalin colocou-se contra a expulsão. Essa atitude o elevou a uma posição de neutralidade diante da visão dos membros do Partido, e propositalmente, trouxe prejuízos para o prestígio tanto de Zinoviev e Kamenev quanto de Trotski. A ruptura proporcionou uma nova parceria para a oposição, era a Oposição de Esquerda, que apesar de terem ideais contraditórios, compartilhavam do mesmo inimigo, Stalin. Eram os dois dissidentes da *tróica* unidos a Trotski, que referiu-se a estes como “Sancho Pança de duas cabeças”, pois antes eram rivais e agora aliados. Lutavam em defesa do proletariado, buscando aumento nos impostos dos *kulaks*, isenção fiscal dos camponeses, fim da ditadura do aparelho sobre o Partido e a volta do ideal de Revolução Permanente e Mundial (BROUÉ, 1996, p.80).

A oposição organiza uma ofensiva e tenta persuadir as células do partido secretamente, enquanto Trotski pede ao Partido a volta da democracia interna. A

proposta é recusada e a Oposição de Esquerda é qualificada como uma facção ilegal. Algumas células do Partido tomam lado dos opositores, mas são facilmente destruídas quando suas figuras principais são excluídas pelo aparelho do Partido. O golpe final na oposição é dado durante o 15º Congresso do Partido, onde Stalin relaciona a publicação no exterior do *Testamento* de Lenin a um comunista americano amigo de Trotski. O resultado é a expulsão de Trotski e Zinoviev do Partido (BROUÉ, 1996). Carr afirma que outras medidas foram tomadas para combater a oposição:

A eliminação da oposição legal era parte de um processo que concentrava e centralizava a autoridade combinada do partido e do Estado, tornando-a absoluta. (...) A limitada liberdade até então permitida a imprensa, de expressar a opinião independente em relação a questões periféricas (...), desapareceu quase que por completo, sendo o controle imposto silenciosamente, não pela censura direta, mas por modificações entre os diretores dessas publicações e em seus conselhos editoriais (CARR, 1979, p.112).

Segundo Carr (1979), no mesmo período ocorre uma proliferação de diferentes escolas literárias, nenhuma delas crítica ao regime. Mas uma em especial, a Associação dos Escritores Proletários de Todas as Rússias, reivindicava o controle de todas as publicações literárias e lançou uma campanha para a “revolução cultural”. Isso acontece em 1928 quando todas as publicações ficam sob o controle do Partido e do Estado, inclusive os registros fotográficos originais.

A massa de militantes da oposição permaneceu apática. O imediato contra-ataque, as transferências, as suspensões, as exclusões, tudo intimidava. A classe operária tinha receio de perder seus empregos e por isso não se manifestava. A maioria dos dirigentes da Oposição queria evitar a exclusão, aproximando-se ao máximo da legalidade e não formando facções, os contrários foram exilados para Sibéria ou Ásia Central. A imprensa publicava calúnias as quais a Oposição não podia responder e diante de tais poderes somados à vontade de permanecer no partido, membros da oposição, entre eles Kamenev, decidiram por capitular sob pedido de Stalin, renunciando as ideias antes defendidas. Aqueles que recusaram-se a capitulação foram exilados na Sibéria e Ásia, Trotski entre eles (BROUÉ, 1996, p. 85).

De acordo com Broué (1996), quando combateu a Oposição de Esquerda, Stalin utilizou-se dos ideais de seu aliado Bukharin, defendendo os *kulaks*. A Oposição via nesta classe o verdadeiro inimigo do socialismo e enquadrava-a como

a base para a reestruturação do capitalismo, mas também via perigo no centro do Partido na medida que estes não percebiam o crescimento da direita. Stalin demorou para se dar conta do crescimento econômico e de poder do *kulaks*, alerta do qual ele havia zombado de sua Oposição outrora. O crescimento da classe provocava enorme desigualdade e dependência nos campos, além de afetar na produção de trigo devido a estocagem por parte dos proprietários.

Stalin começou a tender para uma guinada à esquerda, coletivizando os campos e acelerando a industrialização, isto iria repartir, de forma positiva, a opinião de sua oposição, mas em contrapartida iria criar conflitos negativos no seio do Partido. Estes conflitos geraram um novo grupo opositorista. A Oposição de Direita era formada por Bukharin, Rykov e Tolski, no entanto poderia nem ser considerada oposição pois foi derrotada sem nem ao menos ter atacado. O grupo percebeu as tendências esquerdistas de Stalin e era ciente dos poderes da ditadura do aparelho, vide à Oposição de Esquerda, e este medo levou-os a contatar e informar o exilado Trotski da idéia de formação de um bloco com foco apenas na volta da democracia interna. Em 1929, apesar da aproximação com os “direitistas”, Trotski foi expulso da URSS e diante disso os três opositoristas fazem sua autocrítica confessando estarem com concepções erradas. Era o fim das lutas políticas, no futuro haveria apenas batalhas no aparelho (BROUÉ, 1996, p.89).

2.2 Stalinismo

Sem oposição e com o controle do aparelho do Partido em suas mãos, Josef Stalin teve domínio absoluto da União Soviética durante seu período de governo.

Em 21 de Dezembro de 1929, Stalin comemorou seu 50º aniversário. Desde sua nomeação a secretário-geral do partido, sua força residia na administração rígida e meticulosa do Partido, nomeando os postos chaves no partido e no Estado. Ele reuniu à sua volta pessoas de sua confiança cujo seus lugares no partido dependiam de seu cargo. Portanto estes membros lhe deviam uma fidelidade pessoal inquestionável. A Promoção Lenin⁴ havia levado ao partido inúmeros membros proletários fidedignos e manipuláveis. Quanto a doutrina partidária, tentou de todas as forças moldar os ideais de Lenin ao seu governo, procurando ser visto não como um inovador, mas como um adorador e discípulo de Lenin, nas palavras de Carr

⁴ Incorporação, de responsabilidade de Stalin, de novos membros para o Partido em sua maioria proletários sem experiência política

(1979, p.154), “a tentativa espúria de atribuir a teoria do socialismo num único país a Lenin foi exemplo de sua preocupação em fundamentar sua autoridade na autoridade do mestre”.

Seu retrato estava em todas as paredes de todas as casas e estabelecimentos comerciais, geralmente ao lado do de Lenin. As palavras de Stalin eram constantemente citadas na imprensa, como as de Lenin, e sempre tratadas com autoridade. Estas práticas atingiram o apogeu na comemoração de seu aniversário, marcado por uma manifestação gigantesca de adoração pessoal. Diferentemente de Lenin, Stalin apresentava uma vaidade que exigia uma obediência e reconhecimento de sua infalibilidade (CARR, 1979, p.154).

Poderia se justificar nesta necessidade de reafirmação e suposta insegurança as diversas fotografias manipuladas retirando opositores e antigos desafetos registradas em seu governo, itens que veremos no capítulo quatro. Nenhuma crítica aberta nem discordâncias eram divulgadas pela imprensa do Partido e revistas especializadas. Carr (1979, p.154) define bem este momento, “Stalin tornou-se uma figura distante, isolada, exaltada acima dos mortais comuns, e na verdade, acima de seus colegas mais próximos.” Era cruel e vingativo com qualquer um que se opunha à sua vontade, conquistasse sua antipatia ou ressentimento.

A dedicação ao socialismo a um só país vestia perfeitamente seu governo. Permitia exercer políticas socialistas com base no nacionalismo russo. Essa limitação, muitas vezes baseada em chauvinismos, teve seus méritos. Com sua força foi possível transformar a primitiva Rússia camponesa em uma enorme e moderna potência industrial. Em suas palavras no artigo *O ano de grande abertura*:

(...)Estamos seguindo a todo o vapor pela estrada da industrialização para o socialismo, deixando para trás o nosso tradicional atraso russo. (...) Estamos começando a ser o país do metal, o país do automóvel, o país do trator. (...) E quando tivermos sentado a URSS num automóvel, o camponês em um trator, então que os capitalistas, que se orgulham de sua civilização, nos alcancem. Veremos que países podem então ser considerados atrasados, e quais os que serão adiantados. (...) Estamos 50 ou 100 anos atrasados em relação aos países adiantados. Ou conseguimos alcançá-los, ou eles nos esmagarão (STALIN *apud* CARR, 1979, p.155).

O entusiasmo pelo grande salto à frente dominou muitos membros do partido, e outros dedicados, numa situação ou noutra, à construção do grande plano, e deixou-os indiferentes a outras considerações. Era uma sociedade bem habituada a

associar o Governo à opressão, e a tratá-lo como um mal inevitável (CARR, 1979, p.156).

2.2.1 – Planos Quinquenais

Em 1928 uma nova crise se manifestou na União Soviética, desta vez o foco era agrícola, no que ficou chamada Crise do Trigo. A produção estava baixa e o custo reduzido da semente forçava os *kulaks* a estocarem e não venderem suas produções. Primeiramente foi ordenada uma medida de emergência que permitia a apreensão dos estoques além de um aumento no valor do produto, entretanto, após ter um reflexo ainda negativo na economia e ver seu prestígio diminuir com os pequenos e médios camponeses, Stalin decide por fim a NEP. Começa a coletivização dos campos, exilando os kulaks e suas famílias para trabalhos forçados na Sibéria. A ideia era semelhante à defendida pela Oposição de Esquerda, mas com Stalin as posses eram obtidas através de prisões, deportações e mortes.

O movimento de coletivização tinha bases populares, pois existia no camponês pobre o ódio pelos kulaques, o rancor, o medo. Para eles representava a anulação das dívidas, a tomadas das terras dos novamente, uma nova perspectiva (BROUÉ, 1996, p.98).

Após a perseguição aos kulaques passou-se a ter a caça aos médios agricultores. As terras coletivizadas foram repassadas em sua maior parte para cooperativas e algumas para domínio do governo, que contratava camponeses como funcionários. Stalin, assim como fora defendido pela Oposição da Esquerda, forçou a industrialização com o objetivo de criar uma indústria que não sustentasse somente a si, mas também aos transportes e a agricultura. O forte desenvolvimento se deu nas matérias primas brutas, nas industriais pesadas de aço, carvão, ferro e petróleo. Mas a indústria secundária e terciária, voltadas para bens de consumo da população, esta continuava estagnada (BROUÉ, 1996).

Um dos símbolos junto à coletivização do campo para o crescimento dos camponeses era o trator. A palavra era de que esta máquina era imprescindível caso desejassem um aumento de produção e econômico. O plano de ter uma fábrica em território soviético existia desde 1920, e diante desta necessidade a idéia se concretizou e em meados de 1930 a produção alcançava cinquenta mil tratores por ano. A fabricação de maquinários incentivou a indústria automobilística, um

programa de abertura de estradas foi feito e um acordo com a *Ford* de Detroit permitiu que a empresa fundasse uma indústria na Rússia. A produção era quase totalmente voltada para caminhões com objetivos industriais (CARR, 1979).

Segundo Broué (1996), estas mudanças no plano econômico tiveram reflexos expressivos na condição social. Com a forte industrialização ocorre o êxodo rural. As grandes cidades soviéticas vêem suas populações duplicarem ou triplicarem. A maior classe social deixa de ser a de camponeses para ser a de operários industriais. A mudança não acompanhava a política, existiam poucas políticas trabalhistas e as que haviam não eram praticadas. Os trabalhadores se viam aprisionados aos empregos, sendo qualquer falta ou rescisão de trabalho vista como infração, o que acarretaria no cancelamento de vale-refeição ou até expulsão da família do alojamento empresarial ou coletivo. Os sindicatos ficavam tanto sob o controle do Partido quanto da direção das empresas, o que os tornava inúteis nas reivindicações de normas de trabalho ou discussão de contratos.

Com objetivo de impedir o florescimento de revoltas e greves, todas ilegais, ocorre um fortalecimento da polícia política, a GPU. Ela ficou encarregada de vigiar e punir os trabalhadores, além de ser a responsável por distribuir, recusar e controlar as carteiras de trabalho. No combate às manifestações, deportou milhões para os *gulags*⁵.

Ela era encarregada de vigiar tanto os cidadãos “socialmente perigosos” como todos os condenados a menos de três anos cujas penas podia, assim, prolongar como quisesse. Em suma, o sistema repressivo se auto-alimentava. Estado dentro do Estado, a GPU era fortemente controlada por Stalin, o que dava ao Estado soviético, cada vez mais, o caráter de um Estado policial (BROUÉ, 1996, p.106).

2.2.2 – O Apogeu da Ditadura

As consequências dos Planos Quinquenais também afetaram alguns grupos do aparelho. Muitos não concordavam com a coletivização das terras e a industrialização forçada, entre eles Riutin, um antigo aliado de Stalin nas épocas de combate à Oposição de Esquerda e de Direita. Riutin escreveu um manifesto defendendo a expulsão de Stalin como a única solução para o re-erguimento do Partido. O documento aglutinou um número de militantes marcante, obtendo

⁵ *Administração Geral dos Campos de Trabalho Correccional e Colônias*, era um sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos, presos políticos e qualquer cidadão em geral que se opusesse ao regime da União Soviética.

aprovação de Zinoviev e Kamenev. A repressão a este movimento foi severa, resultando novamente na exclusão e exílio destes últimos e a exigência de Stalin para que Riutin fosse executado, entretanto o Birô Político não o apoiou. Entre os votos contrários estava o de Kirov, um velho bolchevique, chefe do partido em Leningrado e com grande popularidade na cidade. Apesar de ser adepto da coletivização e da industrialização, percebeu a necessidade de abandonar estes métodos e passou a defender o apaziguamento. Começa a surgir internamente a idéia de Kirov ser o sucessor de Stalin. No 17º Congresso do Partido, Stalin percebe esta ameaça e parece aderir a esta tendência de apaziguamento, declarando anistia aos *kulaks* e modificando o foco da GPU que passaria a ser chamada de NKVD. Mas na verdade ele se preparava para o combate, havia colocado no Comitê Central dirigentes da NKVD e seus homens nos postos chefes do Partido. Stalin continuou secretário geral e Kirov entrou no secretariado do Comitê Central, como sendo o número dois (BROUÉ, 1996).

De fato, os acontecimentos que seguem a esta “disputa” pela liderança no Partido fortaleceram o poder de Stalin e sua autoridade. Em 1934 Kirov é assassinado por Nikolaiev, um membro do Partido. Não existem provas concretas que este crime foi a mando de Stalin, contudo existem evidências que levantam esta hipótese. Nikolaiev já havia sido preso com uma arma no intuito de cometer este assassinato, entretanto foi solto sem justificativa e teve seu equipamento devolvido. No mesmo dia da morte de Kirov, Stalin, sem a consulta do Birô Político, criou um decreto privando os acusados de crimes de terrorismo de seus direitos de defesa. Por seguinte decretou que os procedimentos judiciais seriam acelerados, sem direito de apelação e com execução imediata da sentença. Começa o massacre dos acusados.

Os simpatizantes de Kirov exigiam respostas e justiça, que Stalin providenciou em um julgamento de portas fechadas. Nele, Nikolaiev e outros onze homens, “confessaram” estarem seguindo instruções de um centro de oposição de Leningrado, ligado à Trotski. Eles foram condenados a morte e executados imediatamente. Em um julgamento paralelo, também acusados por formação de oposição, Zinoviev e Kamenev foram condenados e presos. Algumas políticas de controle foram impostas: o porte de armas brancas torna-se passível de cinco anos de prisão, as penas passam a ser aplicadas aos maiores de onze anos, casos de

espionagem e emigração são suscetíveis de pena de morte e é declarada a Solidariedade Familiar, onde qualquer parente direto de um criminoso, mesmo que ignorasse o crime, estaria sujeito a cinco anos de prisão (BROUÉ, 1996).

A imprensa fazia campanha contra os “trotskistas”. Todos os dias eram anunciadas prisões de jovens terroristas “trotskistas”, etc. Enquanto isso, nas prisões, centenas, talvez milhares de velhos bolcheviques estavam sendo “preparados” para “confessar” em processos que viriam (BROUÉ, 1996, p.117).

Estes processos ficaram conhecidos como *Processos de Moscou*. Em sua maioria, consistiam na forma de condenação reservada àqueles que haviam sido “acusados” por outros, mas que não podiam se apresentar ao público por não terem confessado seus crimes, abaixo uma lista com os principais destes processos e seus réus executados:

Processo dos Dezesesseis – fuzilamento de Zinoviev, Kamenev e Smirnov. 1936

Processo dos Dezoito – fuzilamento de Piatakov, Muralov, Radek, Serebriakov. 1937

Processo dos Vinte e Um – fuzilamento de Bukharin, Rykov, Rakovski. 1938

Em comum, todos os envolvidos “confessavam” serem ou espiões, ou sabotadores, ou terem envolvimento no assassinato de Kirov. No entanto, os processos, apesar de numerosos, eram exceções. As execuções sem processo eram a regra geral. Dos 1.966 participantes do 17º Congresso do Partido, 1.108 foram presos e executados e final semelhante tiveram 98 dos 139 membros do Comitê Central. No mesmo período, 90% das altas patentes do Exército foram exterminados e o massacre ultrapassou fronteiras, assassinando inimigos do sistema, como foi o caso de Trotski, morto em 1941 no México pelo agente da NKVD Ramón Mercader (BROUÉ, 1996).

No fim, os interesses de Estado da União Soviética prevaleceram sobre os interesses revolucionários mundiais da Internacional Comunista, que Stalin reduziu a um instrumento da política de Estado soviético, sob o estrito controle do Partido Comunista soviético, expurgando, dissolvendo e reformando seus componentes à vontade (HOBBSAWN, 1994, p.78).

No mesmo período dos expurgos, via-se na União Soviética o florescimento e desenvolvimento do culto à personalidade de Stálin. De acordo com Broué (1996, p.123), “a imprensa celebrava constantemente o “chefe genial”, o “pai dos povos”, o “arauto da humanidade”, o “sol”, numa exaltação mística do chefe”.

Em 1939 Stalin assina o pacto Germano-Soviético ou Pacto Hitler-Stalin. Uma atitude defensiva, tendo em vista a frustração em fazer alianças com França e Inglaterra. Este acordo acabou tornando-se um conjunto de possessões de terra, tendo a URSS em um ano incorporado ao seu território um total de 23 milhões de habitantes. Tem-se o fim da propaganda antifascista e invoca-se a tradição da Rússia Czarista e sua tradição com os povos germanos. Mas este período de estabilidade política com os alemães não dura um ano, segundo Hobsbawn (1994, p.46), “a guerra foi revivida pela invasão URSS por Hitler em 22 de junho de 1941 (...)uma invasão tão insensata pois comprometia a Alemanha numa guerra em duas frentes que Stalin simplesmente não acreditava que Hitler pudesse contemplá-la.”

Mas é o que ocorre, a Alemanha assina o Pacto Tripartite junto à Itália e Japão, e invade a Iugoslávia, controlada pela URSS. Devido aos expurgos da crise de 1930, havia um certo despreparo militar e estrutural para uma guerra e foi necessária a libertação de diversos presos políticos para que certos cargos e funções pudessem ser exercidos com competência. É criado na URSS um sentimento nacionalista e patriota. O regime apela para os sentimentos ancestrais, exaltando as lutas históricas da Rússia czarista, o patriotismo russo, o amor pela terra natal, abandonando os temas da luta de classe e do internacionalismo proletário. Conforme afirma Broué (1996, p.130), “o inimigo não era mais o fascista e sim o alemão”.

A vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial ocorreu através de inúmeras derrotas do exército nazista, principalmente as que se deram em sua invasão para o interior da Rússia. Erros estratégicos e planejamentos equivocados quanto à logística e previsões climáticas foram os principais responsáveis pela expulsão dos alemães do território soviético, contudo Hobsbawn destaca outro ponto:

Por outro lado, a verdadeira base da vitória soviética foi o patriotismo da nacionalidade majoritária da URSS, os grandes russos, sempre a elite do Exército Vermelho, a que o regime soviético apelou em seus momentos de crise. Na verdade, a Segunda Guerra Mundial se tornou oficialmente conhecida na URSS como “a Grande Guerra Patriótica” (HOBSBAWN, 1994, p.171).

E nós podemos chamar também de a grande guerra de Stalin. Seu prestígio devido à vitória cresceu muito. Após a guerra, Stalin é tido como o “pai dos povos”, “Marechal Stalin”, e a URSS tornou-se a segunda grande potência mundial. A crise econômica social permanecia, entretanto a indústria dera um salto importante,

alcançando em poucos meses níveis superiores aos pré-guerra. Isso se deu ao fato do desmantelamento da indústria alemã e sua transferência para a URSS e à integração de novas forças econômicas por territórios conquistados e reconquistados. Com os acordos após a Segunda Guerra, foi instituído um bloco de países que seriam ocupados pelas forças soviéticas, submetidas ao seu controle e denominados de democracias populares. A idéia era manter o sistema vigente nestes países, o capitalismo burguês, mas tendo a URSS controle das forças armadas e da polícia, além destes países terem de pagar indenizações de guerra e ter designada a transferência de suas fábricas para a URSS, principalmente as alemãs e húngaras (BROUÉ, 1996).

O socialismo se limitaria à URSS e à área destinada por negociação diplomática como sua zona de influência, isto é, basicamente a ocupada pelo Exército Vermelho no fim da guerra. Mesmo dentro dessa zona de influência, continuaria sendo mais uma perspectiva para o futuro do que um programa imediato para as novas "democracias populares (HOBSBAWN, 1994, p.169).

Nos anos de 1950 uma nova crise ameaçava acontecer. As produções agrícolas haviam aumentado apenas 19% nos últimos dez anos. Na tentativa de salvar o sistema Stalin começa a tomar medidas parecidas com o primário comunismo de guerra, algo chamado por muitos de Stalinismo de Guerra. Tratava da estatização das cooperativas camponesas. Um novo expurgo se preparava para acontecer, buscando bodes expiatórios pela crise, entretanto, em 5 de março de 1953, Iossef Stalin morre após um derrame cerebral. Deixa o plano físico para ficar na história e na memória, que ao que parecem, foram moldadas à seu critério.

As variações na reputação de Stalin, desde sua morte, aos olhos de seus compatriotas parecem refletir emoções confusas e conflitantes de admiração e vergonha. Essa ambivalência pode persistir por um longo tempo. O precedente de Pedro, o Grande, foi invocado com frequência, e é espantosamente adequado. Pedro era também homem de formidável energia e extrema ferocidade. (...) Stalin foi o mais impiedoso déspota que a Rússia conheceu desde Pedro, e também um grande ocidentalizador. (CARR, 1979, p.156)

3 – O Poder do Estado e a Fotografia como Documento Social

Neste capítulo, através de pesquisa bibliográfica e exemplificações, serão expostos métodos e medidas tomadas por estados em geral, e principalmente o Soviético, para trabalhar a ideologia e a aceitação do povo à seu favor. Como modificar ou oprimir uma forma de agir ou pensar? Como tentar sobrepor verdades e memórias de um povo ou nação? São questões abordadas nestes sub capítulos. A seguir temos uma análise sobre a fotografia, que será o objeto de estudo do capítulo quatro. Buscamos um enfoque maior no contexto que envolve a fotografia como documento social, baseada em significâncias, representações e interpretações, pois são as que mais se encaixam com as propostas repressivas do governo soviético de Stalin. Obviamente, vez por outra, a análise técnica é vista em posicionamentos, enquadramentos e requadros. Contudo são para reforçar a validade das manipulações fotográficas e toda a carga ideológica que elas carregavam ao tornarem-se um objeto.

3.1 – Aparelhos do Poder

Base de toda a Revolução Russa, mas não necessariamente seguido à risca, o Manifesto Comunista de Marx define o estado como uma máquina repressiva. O Estado seria constituído pelos aparelhos de Estado, possuindo assim, seus aparelhos repressores.

Apresentada desta forma, a “teoria marxista-leninista” do Estado toca o essencial, e não se trata por nenhum momento de duvidar que está aí o essencial. O aparelho de Estado que define o Estado como força de execução e de intervenção repressiva “a serviço das classes dominantes”, na luta de classes da burguesia e seus aliados contra o proletariado é o Estado, e define perfeitamente a sua “função” fundamental (ALTHUSSER, 1983, p.63).

Os defensores afincos do Marxismo afirmam que o proletariado deveria tomar o poder do Estado para destruir o aparelho vigente, no caso o burguês, e primeiramente instaurar um novo modelo de aparelho de Estado, um aparelho proletário, para depois destituir todos os poderes do Estado e os aparelhos de Estado e finalmente ter um sistema sem uma unidade Estatal. Louis Althusser (1983) defende que primeiro é necessário diferenciar o Estado dos seus aparelhos de Estado, e dentro desta última categoria, saber identificar os aparelhos repressivos e os ideológicos. Repressivos seria o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, seriam aqueles que funcionam, de certa

forma, através da violência. Do lado dos aparelhos ideológicos teríamos instituições distintas e especializadas como aparelhos religiosos, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, de informação e cultural. O autor define a grande diferença entre os dois como “o Aparelho repressivo do Estado funciona através da violência ao passo que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam através da ideologia” (ALTUSSHER, 1983, p.69).

Dos aparelhos ideológicos do estado, o aparelho ideológico escolar é tido como um dos mais importantes para esta solidificação de ideal. É o mais presente dentro de uma sociedade, tendo muitas vezes sua audiência obrigatória, cinco dias por semana, por pelo menos um turno, se encarregando de suas funções em todas as classes sociais desde o maternal, atingindo o ser humano em seu momento mais “vulnerável” e sendo sempre reforçado pelos aparelhos ideológicos familiares. Cabem a eles ensinar e educar os saberes e valores contidos na ideologia dominante (ALTUSSHER, 1983).

Na URSS o currículo escolar incluía muitos cursos políticos, todos voltados para visão marxista leninista e com forte denegrição e ridicularização de visões alternativas. Na sala de aula eram ensinados slogans, canções, saudações e histórias de glórias do Partido Comunista (HOLLANDER, 1974). Por trás do aparelho ideológico escolar temos um sistema coberto por uma ideologia já instaurada universalmente, na qual vemos as escolas como instituições neutras, com professores respeitosos e libertários, aonde os filhos serão educados por conhecimentos e literaturas também neutras (ALTUSSHER, 1983). A seguir, dois depoimentos de pessoas que tiveram suas educações em escolas soviéticas durante o regime de Stalin, o primeiro é de um aluno de uma escola convencional:

Na escola, diziam: “ Vejam como não nos deixam viver sob o comunismo – veja como explodem fábricas, descarrilam bondes, matam pessoas – tudo isso é feito por inimigos do povo.” Enfiavam isso em nossas cabeças tantas vezes que deixávamos de pensar por conta própria. Víamos “inimigos” em todas as partes. Diziam-nos que, se vissemos alguém suspeito na rua, deveríamos segui-lo e informar a seu respeito – seria possível que fosse um espião. As autoridades, o Partido, nossos professores – todos diziam a mesma coisa. O que mais poderíamos pensar? (BINDEL apud FIGES, 2010, p.329).

O segundo é de uma aluna de escola especial para crianças cujos pais foram presos ou condenados, e vemos nitidamente a intervenção do Estado nos materiais

didáticos, o depoimento ocorre após o Partido instruir as instituições a retirarem de seus livros uma imagem de Tukhachevsky:

Alguns dos garotos estavam deformando o rosto de Tukhachevsky nos livros, acrescentando um bigode ou um par de chifres. Um dos professores, Rakhil Grigorevna, disse a eles: “Eu já disse isso às garotas, e agora direi a vocês: Darei um pedaço de papel para cada um, e quero que cole cuidadosamente nos livros para cobrir o rosto de Tukhachevsky. Mas façam com cuidado, porque hoje ele pode ser uma má pessoa, um inimigo do povo, mas amanhã ele e os outros podem retornar, e podemos voltar a vê-los como pessoas boas. E, quando isso acontecer, vocês poderão tirar o pedaço de papel sem desfigurar o rosto.” (GAISTER apud FIGES, 2010, p.355).

Outro forte pilar dos aparelhos ideológicos é o aparelho familiar, afirmação que fica clara após lermos um artigo publicado no *Pravda (A Verdade)*, jornal mais popular e de maior circulação na URSS:

É dever sagrado dos pais instilarem em seus filhos, desde a tenra idade, preciosas qualidades como o amor à Pátria socialista, a devoção à causa do Comunismo, a honestidade, a diligência e o desejo de servir o povo, lealmente, e de defender os resultados alcançados pela Revolução. Isto exige uma constante e concentrada penetração no mundo espiritual das crianças e um trabalho paciente e generalizado de educação. (HOLLANDER, 1974, p.33)

Era importante este tipo de monitoramento, pois para Stalin, a família era coletivamente responsável pelo comportamento individual de seus membros. Os familiares deveriam denunciar caso algum ente fosse considerado “inimigo do sistema”, contrário a isto seria julgado cúmplice e compartilhador da mesma opinião. Desta forma, a estrutura familiar se viu na necessidade de criar certas regras para o convívio, buscando falar calmamente, com pausas, dando ideias e opiniões que ocultassem seus verdadeiros sentidos à estranhos, vizinhos e etc. Os pais identificavam que crianças falantes eram perigosas e por isso partilhavam da ideia de que quantos menos os filhos soubessem mais seguros estariam todos.

Estas mudanças na personalidade sem dúvidas afetaram a sociedade russa como um todo. O povo passou a ocultar suas personalidades, cotidianamente respeitavam os modos públicos soviéticos, contudo em seus íntimos, sofriam com questionamentos sobre suas vidas. Essa dúvida sobre com quem você estaria convivendo provocava a desconfiança dos soviéticos, não sabendo se aquele ao seu lado sorrindo era ou não um espião inimigo ou simplesmente mais um cidadão. Destas incógnitas surgiam denúncias e relatos de “inimigos ocultos”, não somente

na grande população, como também entre amigos, vizinhos e familiares (FIGES, 2010)

Este tipo de denúncia se tornou uma síndrome e foi responsável por um grande número de apreensões da NKVD e do Partido. Convictas de estarem fazendo seus papéis patrióticos, as pessoas denunciavam sem pudor. Acreditavam na propaganda sobre espiões e inimigos e temiam ter problemas caso algum conhecido fosse preso e eles acusados por falta de vigilância. Nessa angústia, as pessoas denunciavam antes mesmo que elas fossem denunciadas. Ter qualquer desavença amorosa, conflitos com vizinhos, inimigos públicos, era sinônimo de uma denúncia sujeita a interrogatório e prisão.

Contudo, em um ambiente moldado a mortes e prisões, é de se esperar um número grande de crianças sem pais ou responsáveis, jogadas nas ruas e acabando por ficar sob responsabilidade do Estado e criadas em orfanatos. Este era o local preferido para os recrutamentos do Partido, as crianças não possuíam laços familiares e eram suscetíveis as propagandas do regime pois não tiveram pais que as orientassem ou passassem valores e ideais alternativos. É importante lembrar o mito de Pavlik Morozov, história divulgada em toda a Rússia como o “abc” de introdução nas escolas, hospitais e orfanatos soviéticos.

Pavlik era filho de um camponês e durante a coletivização das terras propostas por Stalin, ao ver seu pai negar-se a entregar sua propriedade, Pavlik denunciou-o à polícia especial, na época GPU. Seu pai foi preso e condenado por dez anos de trabalho na Sibéria, e durante a pena foi morto. Os parentes do falecido, ao descobrirem que a denúncia havia partido de Pavlik, mataram o garoto em seus 13 anos de vida. A família toda foi condenada e executada e Pavlik Morozov virou um mártir da luta pelo regime e combate aos inimigos do povo.

Como não compreendíamos o que era uma família, nem tínhamos idéia do que fosse um pai, o fato de Pavlik ter traído o pai não tinha nenhuma importância para nós. O importante era que capturara um *kulak*, um membro da burguesia, o que, aos nossos olhos, fazia com que fosse um herói. Para nós, era uma história sobre a luta de classes, não uma tragédia familiar. Se vivêssemos em qualquer outro país, teríamos morrido de fome e de frio - era o que nos diziam... E, obviamente, acreditávamos em cada palavra. Descobrimos a vida, aprendemos a pensar e a sentir - na verdade, a não pensar nem sentir, e sim a aceitar tudo que nos diziam - no orfanato. Tínhamos recebido do poder soviético todas as idéias que tínhamos sobre o mundo (NIKOLAEV apud FIGES, 2010, p.399).

3.2 – Legitimidade dos Poderes de Stalin

Assim como na Revolução Russa a liderança se viu na figura de Lenin e Trotski, Stalin tornou-se um líder soviético durante seu governo. Estas relações de liderança entre massa-líder contêm características típicas, “ o líder exerce sobre o indivíduo na multidão ou na massa, uma ação semelhante à de um hipnotizador: o indivíduo procura identificar-se com ele, segui-lo cegamente. O ponto de apoio moral é, nesse caso, transferido para fora de sua própria personalidade” (TCHAKHOTINE, 1967, p.246). De certo modo esta hipnose está presente no regime stalinista, entretanto este relato a define através do medo:

Não consigo nem pensar em uma analogia na história da humanidade. Portanto é preciso utilizar um exemplo da zoologia: o coelho hipnotizado pelo olhar da jibóia... Todos éramos coelhos que reconheciam o direito da jibóia de nos engolir; quem quer que fosse dominado por seu olhar caminharia com muita calma, sentindo na boca o gosto da perdição (FIGES, 2010, p.292).

Os líderes parecem incapazes de ver a vida individualmente, percebendo-a apenas em blocos, coletivos ou massas, e assim, impõe a eles sua vontade, sempre baseada na defesa de sua causa, muitas vezes com a sagacidade de um fanático. De um modo geral, não toleram críticas a si e contra seu governo, temendo que tais sejam prejudiciais ao seu prestígio (TCHAKHOTINE, 1967).

Entretanto, se as atitudes e comportamentos do cidadão devem se ajustar aos ideais dominantes, o Estado deve promover um programa para induzir seus cidadãos à norma correta. No caso da URSS, os soviéticos durante todas suas vidas recebem um fluxo de mensagens condizentes à legitimidade do regime além de convocações e mobilizações para colocar esta política em execução. Com o objetivo de doutrinar politicamente toda sua população, o Estado não somente diz quais ideais e comportamentos o povo deve seguir, como também aqueles que não deve seguir. É importante destacar um dos pilares básicos para a sustentação do regime soviético, que é o aparelho repressor. Quando a persuasão e a doutrinação falham, o Estado aciona seus meios de intimidação e punição para adequá-los à ordem política (HOLLANDER, 1974).

Estou sugerindo que o terror é tão importante para lidar com aqueles que o regime considera como cidadãos relativamente sólidos quanto para lidar com aqueles que o totalitário deseja eliminar ou pôr fora de circulação por períodos flutuantes. Em outras palavras, o terror é um meio de institucionalizar e canalizar a ansiedade.

O regime procura desenvolver em cada pessoa o medo incômodo de ter feito algo de errado, de ter deixado alguma coisa por fazer, de ter dito alguma coisa proibida (INKELES apud HOLLANDER, 1974, p.25).

Abaixo um depoimento de Viacheslav Kolobkov, recordando o pânico de seu pai, um operário de uma fábrica de Leningrado:

Todas as noites, ele ficava acordado – esperando o som do motor de um carro. Quando ouvia o som, sentava-se enrijecido na cama. Ficava aterrorizado. Eu sentia o cheiro de seu medo, da transpiração nervosa, e sentia seu corpo tremer, apesar de mal poder vê-lo na escuridão. Quando ouvia um carro, ele sempre dizia: “Vieram me prender!” Estava convencido de que seria preso por algo que teria dito – às vezes, em casa, amaldiçoava os bolcheviques. Quando ouvia um motor sendo desligado e a porta de um carro sendo fechada, meu pai levantava e começava a procurar em pânico pelas coisas das quais achava que mais precisaria. Ele sempre mantinha esses itens ao lado da cama para estar pronto quando “eles” viessem para prendê-lo. Lembro-me das cascas de pão que ficavam ali – seu maior temor era partir sem levar pão. Foram muitas noites em que meu pai praticamente não dormiu – esperando um carro que nunca chegava (KOLOBKOV apud FIGES, 2010, p.293).

Esta disciplina adquirida através do medo já era alertada por Tchakhotine (1967, p.238) como sendo precursora do anti-devotamento, devendo o líder se esforçar para criar naqueles que comanda “a convicção de que toda a organização está subordinada ao senso do dever, reflexo incondicionado de grau elevado e que ele próprio está submetido às mesmas obrigações que seus homens”. O medo era tamanho na população soviética que a língua russa possui duas palavras para *sussurrador*, aquele que sussurra para não ser ouvido pelas autoridades é o *shepchushchii* e aquele que sussurra pelas costas das pessoas para entregá-las as autoridades é o *sheptun*. Estas palavras seguem nos dicionários russos e estão incorporadas no idioma, como observa Orlando Figes, “o poder real e o legado duradouro do sistema stalinista não estavam nas estruturas do Estado nem do culto ao líder, mas no stalinismo que entrou em todos nós”. Apesar de contraditória, pois o stalinismo é exatamente este culto ao líder sob um Estado estruturado, esta afirmação revela o quão marcada ficou a população soviética durante seu regime (FIGES, 2010, p.27).

Sabíamos que não podíamos repetir para ninguém o que escutávamos os adultos sussurrando ou o que os ouvíamos dizer pelas nossas costas. Teríamos problemas até mesmo se deixássemos que soubessem que tínhamos escutado o que haviam dito. Às vezes, os adultos falavam alguma coisa e depois nos diziam: “as paredes tem ouvidos” ou “segure sua língua”, ou alguma outra expressão que era interpretada como uma indicação de que o que tinham acabado de falar não deveria ter sido ouvido por nós. Crescemos aprendendo a ficar de boca fechada. “Você terá problemas por causa de sua língua” – era isso que diziam para nós, crianças, o tempo

todo. Vivíamos com medo de falar. Minha mãe costumava dizer que todos eram informantes. Tínhamos medo dos vizinhos e especialmente da polícia... Ainda hoje, quando vejo um policial, tremo de medo. (FIGES, 2010, p.26)

3.3 – Aparelhos Ideológicos Soviéticos

Para reforçar a doutrinação política na URSS temos alguns aspectos importantes de persuasão do povo. Começando por uma alta visibilidade do conteúdo político, estando presente em todas as casas e estabelecimentos comerciais fotografias de Lenin, de Stalin, além de bandeiras e faixas com slogans políticos. O segundo aspecto era a ampla extensão de penetração do conteúdo político. Todas as escolas, fábricas, jornais, livros ou qualquer outro lugar que envolvesse aglomeração de pessoas ou trocas de informações estão submetidos a comunicar o conteúdo ideológico do regime. Desta maneira, fez-se válida as palavras de Lenin sobre os canais públicos de informação, de que seriam os instrumentos do partido para a socialização ou doutrinação política intensa e explícita.

Na URSS, os meios de comunicação selecionam e interpretam os acontecimentos à sua maneira para suas audiências, dando a elas um conteúdo coordenado e dirigido, e incapacitando-as de funcionar como indivíduos com poder crítico. São estes meios que informam sobre os acontecimentos políticos e pessoais locais e mundiais, conferindo-lhes status e credibilidade e ignorando outros. Como exemplo pode-se citar o total desaparecimento de uma pessoa importante das colunas noticiárias, tirando-a do cenário habitual e atual e transformando-a em uma “não pessoa” (HOLLANDER, 1974).

Para a grande parte da população, sempre havia duas realidades: a Verdade do Partido e a verdade obtida por meio da experiência. Mas nos anos do Grande Terror, quando a imprensa soviética estava repleta de julgamentos encenados e dos feitos nefastos de “espiões” e “inimigos”, poucos conseguiam ver além da versão do mundo divulgada pela propaganda. Era necessário uma força de vontade imensa, geralmente ligada a um sistema de valores diferente, para que alguém desconsiderasse os relatos da imprensa e questionasse as premissas básicas do Terror. Para alguns, a adoção de uma visão crítica era a possibilitada por suas religiões ou nacionalidades; para outros, tal visão era consequência de outra ideologia ou de uma crença diferente no Partido; e para outros, talvez fosse resultado da idade (já tinham visto tanta coisa na Rússia que jamais acreditariam que a inocência protegesse qualquer pessoa de ser presa). Mas para aqueles com menos de 30 anos, que só conheciam o mundo soviético ou que não tinham herdado outros valores de suas famílias, era quase impossível se distanciar do sistema de propaganda e questionar seus princípios políticos (FIGES, 2010, p.328).

Este controle era exercido pelo Estado através de reuniões periódicas, ocorridas de quinze em quinze dias, no Departamento de Propaganda do Comitê Central em Moscou. Eram chamadas de Conferências de Instrução e nela estavam presentes, além dos cargos do partido, editores-chefes dos meios de comunicação. Para eles eram passadas orientações específicas para o tratamento de certas informações em itens noticiosos futuros, além de alertar sobre os “erros” políticos cometidos desde a última reunião. Como exemplo, um trecho de um sumário de uma das Conferências de Instrução:

No período vindouro a imprensa deve fazer minuciosa propaganda dos resultados do Plano Quinquenal; mostrar, de uma maneira penetrante, a política do Partido e do Governo soviéticos como um sistema unificado de medidas econômicas, políticas e ideológicas, consolidadas pelo cenário contemporâneo da construção comunista; deve mostrar ampla e claramente o heroísmo do trabalho da classe operária, o campesinato coletivo das fazendas, a intelectualidade, sua participação na realização política do Partido e nas realizações socioeconômicas e culturais do País (HOLLANDER, 1974, p.88).

Dentro os meios de propaganda do partido, o jornal foi o de maior importância no regime de Stalin, junto com os agitadores e propagandistas. Lenin já dizia: “o jornal não é apenas um fator de propaganda coletiva e de um agitador coletivo – é também um organizador coletivo” (LENIN apud HOLLANDER, 1974, p.57). Por ser um registro impresso dos acontecimentos políticos, permite ser lido diversas vezes, estendendo o período de abrangência de uma manifestação. Com alto índice de analfabetismo, principalmente nos campos, tínhamos as leituras coletivas, feitas por agitadores locais do partido, que informavam o que estava escrito nas páginas do jornal à população.

Posteriormente, este foi o mote para uma grande campanha de alfabetização do povo soviético, resultando em um crescimento de 74% no índice de alfabetização de indivíduos até 50 anos entre 1926 até 1959, totalizando 98,5% da população desta faixa. Quanto maior o índice de leitura, maior será o contato com o material político, para isto, é mantida uma forte tradição literária russa, sendo os livros derrotados por preferência apenas para os jornais. Entretanto isso não basta para que esta mídia não sofresse censuras. Todo conteúdo publicado é dominado por questões ideológicas, sendo um mercado regido pelo Estado e não pelos leitores, editores e autores (HOLLANDER, 1974).

A censura do regime chegava na forma de medo ao nível doméstico. Eram raros aqueles que escreviam em diários, pois sabiam que caso fossem presos ou tivessem suas casas investigadas, a primeira coisa a ser confiscada seria o diário, que por ser algo íntimo e pessoal, poderia de certa forma incriminar a vítima caso seus pensamentos fossem julgados antisoviéticos. Por este temor que existem poucos registros escritos sobre o regime stalinista, o que resta são obras de partidários, estadistas ou pessoas autorizadas a documentar, o que de certa forma valida mas descredita a total verdade. As histórias pessoais e individuais, onde atualmente busca-se uma “nova verdade”, encontram-se em sua totalidade na história oral, que como sabemos, é refém dos truques da memória.

Tratando-se da URSS de Stalin, onde a memória é envolvida por uma capa ideológica e persuasiva, este recurso torna-se mais perigoso, porém ainda revelador. Muitos que viveram durante o regime, por medo, vergonha ou comodismo suprimem estas memórias, sendo incapazes de refletir sobre suas vidas pois acostumaram-se a não questionar, principalmente quando se trata moralidades. Outros justificam seus comportamentos com base em crenças e motivos impostos pelo passado (FIGES, 2010).

Para encerrar este sub-capítulo e adentrar diretamente na manipulação de uma das ferramentas dos aparelhos ideológicos, segue abaixo o discurso de Brejnev no 24º Congresso do Partido. Brejnev, apesar de ser um dos sucessores de Stalin, carrega em seu discurso os ideais de controle doutrinatório e ideológico através da censura e propaganda, evidenciando que esta era uma prática dos governos soviéticos. O que temos a seguir é, na verdade, praticamente uma síntese de tudo que foi escrito até aqui:

Camaradas! O trabalho ideológico, o de propaganda⁶ e o de agitação das massas é uma importante e responsável esfera da atividade do Partido. Uma grande parte foi realizada até aqui. Todavia, deve-se firmar que ainda não estamos completamente satisfeitos com o estado de coisas neste setor. O Comitê Central acha necessário intensificar todo o nosso trabalho ideológico e, acima de tudo, tornar a propaganda dos ideais comunistas e as tarefas concretas da nossa construção mais e vigorosas e mais significativas. No futuro imediato, um dos pontos centrais do trabalho de propaganda e de agitação de massa do partido será ocupado pela explicação completa, às classes trabalhadoras, do significado e do alcance

⁶ Propaganda Ideológica: formadora de idéias e convicções de um povo, orientando seu comportamento social. É geralmente uma versão da realidade na qual se propõe a permanência ou modificação de uma política de qualquer natureza. Através dela são disseminados, de maneira persuasiva, os ideais de um determinado grupo para toda a população alvo (JAHR, 1999).

das decisões do nosso Congresso. Ser autenticamente capazes de transmitir toda a força de nossa convicção ideológica às amplas massas do operariado e tomar uma atitude autêntica e realmente criativa diante da causa da educação comunista do homem soviético – São estas as nossas tarefas principais neste terreno.

Estamos vivendo em estado de guerra ideológica sem tréguas, que a propaganda imperialista move contra nosso país e contra o mundo socialista, utilizando-se dos métodos e meios técnicos mais refinados. Todos os instrumentos de influenciar as mentes das pessoas que a burguesia possui – a imprensa, o cinema, o rádio – foram mobilizados para enganar o povo, para instilar nele a idéia de que a sua vida, sob o Capitalismo, é virtualmente um paraíso, e de caluniar o Socialismo. Os meios aéreos estão virtualmente saturados de toda sorte de mentiras sobre a vida do nosso país e nos países socialistas irmãos. É dever dos nossos operários, na frente de propaganda e da agitação de massa, manifestarem uma repulsa oportuna e decidida a esses ataques ideológicos e mostrar às centenas de pessoas a verdade da sociedade socialista, do estilo de vida soviético e da construção do comunismo no nosso país. Isto deve ser feito com convicção, persuasão e de maneira clara e vigorosa.

A força do nosso país está precisamente na solidariedade do povo e na sua consciência. O partido reforçará, incansavelmente, esta fonte das nossas forças – a indestrutível unidade ideológica e política do povo soviético! (HOLLANDER, 1974, p.291)

3.4 - Fotografia como Documento Social

A fotografia permite investigações e descobertas com possibilidades diversas na medida em que buscamos, através de metodologias adequadas, pesquisa e análise, deciframos seu conteúdo e compreendermos a realidade que a originou (KOSSOY, 1988). Entretanto, a fotografia carrega consigo um preconceito quando vê seu registro ser elevado à documento. Os principais motivos para esta restrição são de ordem cultural. Primeiro, nossa sociedade possui a tradição da escrita como forma de transmissão do saber e meio do conhecimento científico, e o segundo reside no espectador, que terá que analisar e interpretar a informação sendo que esta não é transmitida em um sistema padronizado e codificado de signos, como o alfabeto. Esse preconceito está sendo colocado em cheque com a revolução documental. O movimento defende o alargamento do conceito dado ao termo “documento”. Nas palavras de Samaran, “Não há história sem documentos. Há que tomar a palavra ‘documento’ no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem ou qualquer outra maneira” (SAMARAN apud KOSSOY, 1988, p.31). Defensor desta mesma corrente, Michel Foucault argumenta a necessidade da relativização de qualquer que seja o documento:

O documento não é o feliz instrumento de uma história que seja, em si própria e com pleno direito, memória: a história é uma certa maneira de uma sociedade dar estatuto e elaboração a uma massa documental de que se não separa. A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a 'memorizar'

os monumentos do passado, a transformá-los em documentos e em fazer falar os traços que, por si próprios, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e o que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tomar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto (FOUCAULT, 2008, p.8).

Como verdade, portanto, podemos afirmar que:

O passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa (BLOCH apud KOSSOY, 1988, p.32).

De certo modo esta é uma relação conflituosa. De um lado temos a fotografia que tende a ser estática em seu registro, enquanto de outro temos o documento, que apesar de também ser estático em qualquer que seja sua forma física, leva consigo a autenticidade de um conhecimento do passado, já visto como algo em constante transformação. Para compreendermos esta discordância cinético-temporal é preciso uma definição de cada um dos lados. A fotografia seria como uma pausa da vida. O congelamento do instante. É este momento selecionado que ficará interrompido e isolado, como em outra dimensão, sem antes, nem depois, apenas um instante. Para Boris Kossoy (1988, p.44) é este *sem antes, nem depois* “um dos aspectos mais fascinantes em termos do instante contínuo recortado da vida que se confunde com o nascimento do descontínuo do documento”. Sendo um fragmento do real congelado em um instante, como não crer em sua autenticidade quanto aquilo que representa? E se decidirmos crer, por que não nos questionarmos por esta escolha? Talvez, como afirmou Barthes, devamos nos deixar levar pela fé religiosa e acreditar que a fotografia tem algo relacionado com a ressurreição:

Eis soldados poloneses em repouso em um campo (Kertész, 1915); nada de extraordinário, a não ser isso, nenhuma pintura realista me daria: *eles estavam lá*; o que vejo não é uma lembrança, uma imaginação, uma reconstituição, um pedaço da Maia, como a arte prodigaliza, mas o real no estado passado: a um só tempo o passado e o real. (...) o mistério simples da concomitância. Uma fotografia anônima representa um casamento (na Inglaterra): vinte e cinco pessoas de todas as idades, duas meninas e um bebê; leio a data e calculo: 1910; portanto, necessariamente, estão todos mortos, salvo talvez as meninas, o bebê (agora, senhoras idosas, senhor idoso) (BARTHES, 1984, p.124).

O autor ainda garante que o espectador é o ponto de referência de qualquer fotografia. É para ele que vêm os questionamentos e sentidos levantados pela imagem. Como exemplo ele cita a foto de uma praia cheia de banhistas e passantes,

quem dirá que ele não estava ali, entre as centenas de pessoas na areia ou no mar? Ou então em uma fotografia de um menino em uma sala de aula, Barthes se pergunta se aquele jovem não é hoje um adulto. Estaria morto? Casou? Essa particularidade, que o autor destaca não ser somente de ordem política, e sim também metafísica, é o que garante uma co-presença do espectador com a fotografia (BARTHES, 1984, p125). A fotografia não fala daquilo que não é mais, e sim daquilo que foi. Nenhum escrito pode lhe dar certeza, enquanto a fotografia é um certificado de presença, uma retificação do que ela representa.

Certo dia, recebi de um fotógrafo uma foto minha, sendo-me impossível, apesar de meus esforços, lembrar-me de onde ela fora tirada; eu examinava a gravata, o pulôver, para descobrir em que circunstância eu os tinha usado; trabalho inútil. Todavia, porque era uma fotografia, eu não podia negar que eu tinha estado lá (mesmo que eu não soubesse onde). Essa distorção entre a certeza e o esquecimento me deu uma espécie de vertigem, (...) fui ao vernissage como a um inquérito, para enfim tomar conhecimento daquilo que eu não sabia mais a meu respeito (BARTHES, 1984, p.128).

Já Boris Kossoy (1988) defende que a fotografia é uma geradora de realidades. A primeira realidade seria o próprio passado congelado, o fato ocorrido, sem nenhuma representação ou interpretação. Este momento se dá desde o clique do fotógrafo até a reprodução da imagem. Com a imagem já reproduzida, temos a segunda realidade, onde ocorrem as representações e interpretações. Nela temos o documento, uma referência presente de um passado inacessível. A fotografia provoca uma transposição de realidades, no momento que expõe um acontecimento no contexto da vida (primeira realidade) e o transforma em realidade representativa, com a fotografia (segunda realidade). As representações, neste caso, abrem caminho para inúmeras interpretações, variando para cada receptor em virtude de sua vida, conhecimento, traumas e experiências.

Cada momento histórico presencia o nascimento de modos particulares de expressão artística, que correspondem ao caráter político, às maneiras de pensar e aos gostos de uma época. Desde seu nascimento, a fotografia forma parte da vida cotidiana. Isso é facilmente percebido pela sua recepção igual em todas as classes sociais. Seu poder de reproduzir exatamente a realidade externa, poder inerente à sua técnica, lhe dá um caráter documental e o direito de reproduzir uma vida social mais fiel e imparcial. Entretanto, também possui capacidade de expressar os desejos e necessidades das classes sociais dominantes e de interpretar, à sua maneira, os acontecimentos de uma vida social.

Pues la fotografía, aunque estrictamente unida a la naturaleza, sólo tiene una objetividad facticia. El lente, esse ojo supuestamente imparcial, permite todas las deformaciones posibles de la realidad, dado que el carácter de la imagen se halla determinado cada vez por la manera de ver del operador y las exigências de sus comandatários. Por lo tanto, la importância de la fotografía no sólo reside em el hecho de que es una creación sino sobre todo em el hecho de que es uno de los medios más eficaces de moldear nuestras ideas y de influir em nuestro comportamiento (FREUND, 2008, p.8.).

3.5 – Censura e Manipulação Fotográfica

De um movimento com uma vanguarda artística, a fotografia se viu perdendo espaço neste campo e ganhando notoriedade em outro, o de mídia de massa. Isto se deu através da invenção de máquinas que permitiram a mecanização da revelação e a introdução da fotografia na imprensa. De certo modo, o povo enxergava apenas o que se passava em sua casa, rua ou povo, e a partir deste momento, como diz Freund (2008, p.96), “ con la fotografía, se abre una ventana del mundo”. O reconhecimento de rostos públicos e acontecimentos de outras classes e povos de seu país ou de países vizinhos se dão presente. A fotografia não tem mais uma função individual, passa a ser agora um objeto do coletivo e ao mesmo tempo se converte a um poderoso meio de manipulação. Aquele que tem controle da imprensa, sejam os governos, a indústria ou anunciantes, tem também controle sobre as imagens que serão publicadas, com outras palavras, eles fornecerão estas janelas, no entanto, ficará à seus critérios quando e onde elas serão abertas.

A fotografia, por sua vez, é indiferente a qualquer revezamento: ela não inventa; é a própria autentificação; os raros artificios por ela permitidos não são probatórios; são, ao contrário, trucagens: a fotografia só é laboriosa quando trapaceia. Trata-se de uma profecia ao contrário: como Cassandra, mas com os olhos fixos no passado, ela jamais mente: ou antes, pode mentir quanto ao sentido da coisa, na medida em que por natureza é tendenciosa, jamais quanto a sua existência. Impotente para as idéias gerais, sua força, todavia, é superior a tudo o que o espírito humano pode, pôde conceber para nos dar garantia da realidade – mas também essa realidade é sempre apenas uma contingência (BARTHES, 1984, p.129).

No campo da manipulação fotográfica através de seus comandos e comandados podemos situar aquelas modificações feitas diretamente na imagem, afim de transmitir a “fraude”, e aquelas em sua estrutura, afim de contextualizá-las à sua maneira. Na mídia impressa especificamente, mas agora novamente com a internet, a manipulação fotográfica foge do perímetro da imagem para invadir as legendas, títulos e subtítulos que situam aquela representação. Freund (2008, p.143) cita exemplos de algumas fotos durante o levante húngaro contra a URSS. Sob a

mesma foto, mas em tablóides diferentes, de um tanque soviético em uma rua, foram publicadas as seguintes frases: “Despreciando el derecho de los pueblos a disponer de sí mismos, el Gobierno soviético ha enviado varias divisiones blindadas a Budapest para reprimir el alzamiento.” e “El pueblo húngaro ha solicitado la ayuda del pueblo soviético. Han llegado vários tanques soviéticos para proteger a los trabajadores y restablecer el orden.” Não é preciso afirmar a posição do fotógrafo, até porque, quando esta foto foi tirada em 1956, as agências de fotografia possuíam os direitos sobre a maior parte das fotos publicadas.

O foco está no fato de que a mesma imagem, que parte do princípio de informação e divulgação, é utilizada e manipulada fora de seu campo em favor de interesses de classes dominantes, no caso os governos. Seguindo a analogia, seria a mesma janela, mas instaladas em paredes diferentes. Em outro exemplo, trabalhasse a manipulação do requadro e a diagramação das imagens. Fotografias de pessoas pobres na Inglaterra tiveram suas margens rasgadas de forma irregular a ponto de acentuar a miséria da situação. Estas mesmas fotos são justapostas ao lado de uma imagem do alto clero inglês, com suas moças em longos vestidos, ornamentadas com jóias e riquezas, buscando e forçando um contraponto riqueza-pobreza, exatamente quando um escândalo de adultério foi descoberto na família real.

Uma manipulação corrente em fotografias se dava também pela fabricação de fotos, quando a imagem era montada no universo real, com ou sem retoques pós-produção. Em 1966, na França, o jornal *Paris/Match* publicou fotos de um suposto reagrupamento de antigos nazistas em um povoado na Baviera. Eram imagens de jovens com uniformes da SS e SA, tomando cerveja e celebrando, com uma bandeira nazista postada atrás deles. Não demorou para a imagem ser veiculada em jornais ingleses e soviéticos atingindo mais de 104 milhões de pessoas. Contudo, estas imagens eram fraudes. Os redatores do *Paris/Match*, com medo de um novo crescimento do partido de extrema direita alemão, alugaram os trajes de um agiota bávaro e convenceram alguns jovens alemães de que a foto se tratava de uma brincadeira e em troca pagaram alguns barris de cerveja (FREUND, 2008, p.147).

Entretanto, o método mais usual e comum de manipulação fotográfica é quando a fraude acontece no resultado da fotografia, ou seja, no seu negativo ou na própria

foto. Para isso basta um pincel, caneta ou, atualmente, softwares. Como será abordado no capítulo quatro, esta técnica foi muito utilizada durante o governo de Stalin com o intuito de apagar da história seus adversários e contrários a sua postura. As manipulações eram tantas a ponto de o colecionador de fotos David King brincar com a seguinte frase: “Na Rússia eu me sentia um idiota, pois até as fotos mentiam para mim” (tradução livre, KING, 1997, p.7).

3.6 – Lembranças: Memórias e Realidades

Durante o Renascimento dizia-se que uma pessoa informada era alguém que tinha olfato, hoje se diz que ele tem visão. Pois realmente estamos na sociedade do audiovisual, não há tempo para leituras reflexivas ou conversas filosóficas, existem imagens, que devem ser de fácil compreensão e dirigir-se com emoção e é nessa sua emoção fortuita e ligeira que reside seu trunfo e seu perigo. Ao trabalhar com emoções, a fotografia possui enorme poder de persuasão, sendo fortemente explorada por aqueles que querem manipular (FREUND, 2008). Mas como fraudar a ponto de manipular a história? Para isso seria necessário poder e influência sobre a memória de uma nação ou povo. Mas este tipo de interferência foi possível?

A história se reduz a uma série de ideias abstratas, que podem ser completadas e complementadas pela troca de ideias com imagens, fotos, quadros, gravuras e textos de certo momento ou época. Mas para se encaixar neste contexto e permitir reconstruir esta memória através desta referência, é necessário ter em si ou no coletivo, alguma marca deste registro. A memória não se apóia na história aprendida, mas na história vivida. Uma guerra, um massacre, uma revolução, são fatos singulares para os que presenciaram e que modificam a existência de um grupo. Contudo, para que estas lembranças atinjam a realidade histórica elas terão que fugir de seu estado individual e serem postas sob o ponto de vista coletivo, só então poderá se compreender porque motivo entraram no patamar de fato ou data (HALBWACHS, 2006).

(...) O passado deixou na sociedade de hoje muitos vestígios, às vezes visíveis, e que também percebemos na expressão das imagens, no aspecto dos lugares e até nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e em tais ambientes. Em geral nem prestamos atenção nisso... mas basta que a atenção se volte desse lado para notarmos que os costumes modernos repousam sobre camadas antigas que afloram em mais de um lugar (HALBWACHS, 2006, p.87).

Desta maneira, o mesmo autor conclui que:

A lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada (HALBWACHS, 2006, p.91).

Para essa lembrança se tornar coletiva é preciso que a memória dos outros reforce e complete a do indivíduo e se vê necessário que não deixem de ter alguma relação com os acontecimentos que constituem o passado do mesmo. A história seria a compilação dos fatos que tomam maior espaço na memória dos homens, contudo, a história só começa no ponto em que termina a tradição, quando se apaga ou se encerra a memória social. Quando a memória de um grupo de acontecimentos não é mais vivida por um grupo, o único meio de preservá-la é através dos meios físicos, em fotografia, narrativas, quadros, esculturas (HALBWACHS, 2006). Quando estes meios são modificados, sob quaisquer circunstâncias, temos sim, uma memória parcial ou totalmente inventada, fato confirmado por Krzysztof Pomian:

As reconstruções e as reinterpretações, cujo número cresce continuamente, tornam atuais as recordações concretizadas nos objetos, põe de novo em circulação o conteúdo da memória, legitimam certas consequências que poderão influenciar os nossos comportamentos futuros (POMIAN, 2000, p.515).

Entretanto, esta idéia de a fotografia ser uma das fontes da memória cristalizada entra em conflito com um porém. As imagens nada informam ou emocionam aqueles que não sabem do contexto particular ou histórico em que o documento se originou. Para eles os significados ficam escondidos em seu desconhecimento perante a intenção da fotografia (KOSSOY, 1988).

Desde sua invenção, milhares de fotografias foram destruídas. Catástrofes, desgaste, mas principalmente pela ação humana. Neste ato, segundo Boris Kossoy (2009), perde-se a segunda realidade, a realidade ficcional criada pela fotografia. A primeira realidade, o fato concreto, o momento congelado, só se sente presente com a fotografia, destruindo-a estamos desconectando estas duas realidades de nosso mundo, de nossas memórias e de nossas histórias.

Desaparecida esta segunda realidade – seja por ato voluntário ou involuntário-, aquelas personagens morrem pela segunda vez. O visível fotográfico ali registrado desmaterializa-se. O ciclo de lembrança e da recordação é interrompido. Extingue-se o documento e a memória. (KOSSOY, 2009, p.139)

Esta é a entrada para o quarto capítulo, onde iremos analisar as fotografias manipuladas durante o governo de Stalin. Fascina a idéia de restituir identidades de

peças apagadas, restaurar posicionamentos iconográficos, resgatar nomes, dar credibilidade novamente a documentos e talvez, elevando-nos a um nível *theísta*, (re)criarmos novamente uma realidade.

4. Stalin e a Terceira Realidade: Fotografias Originais e Alteradas

Neste capítulo serão analisadas cinco fotografias que a bibliografia registra terem sido modificadas durante o regime de Stalin na URSS. Todas as fotos foram retiradas do livro *The Commissar Vanishes* do colecionador David King. Como o próprio autor afirma, “retocadores de fotografias da União Soviética gastaram muitas horas disfarçando os traços imperfeitos das montagens, ajudando a câmera a falsificar a realidade” (KING, 1997, p.9, tradução livre). No entanto, não basearemos esta análise nesta falsificação de realidade, e sim, tomaremos como suporte os princípios de Kossoy sobre realidades fotográficas vistas no capítulo três.

Para este autor, a primeira realidade é o próprio passado, o momento acontecido, registrado, imutável e intocável. No momento fotográfico, em que este instante é congelado em um registro, a primeira realidade é substituída pela segunda realidade, é transformada em signo expressivo, “signo da presença imaginária de uma ausência definitiva” (KOSSOY, 2009, p.43). A segunda realidade constrói este signo através de filtros culturais, estéticos, técnicos e ideológicos.

O que propomos é que Stalin, no momento em que provoca modificações nos documentos fotográficos, não somente interfere nestas segundas realidades como acaba por criar uma nova: a terceira realidade. Através de técnicas de recortes, pinturas, retoques e borrões, ele altera a segunda realidade e cria em cima desta novas significações e representações. Essa reinterpretação ideológica e política é a terceira realidade, adquirida por meio de manipulação de registros fotográficos.

Iniciamos abaixo as análises de cinco imagens do período do regime de Stalin na União Soviética. Primeiro situaremos historicamente os personagens e o contexto de cada fotografia, para depois analisarmos as modificações e refletirmos sobre suas consequências políticas. Todas as imagens foram retiradas do livro *The Commissar Vanishes* do autor britânico David King (1997).

Fotografia 1 - Velhos Bolcheviques



Imagem 1 (KING, 1997, P.44)

Esta fotografia foi tirada em Março de 1919 durante o Oitavo Congresso do Partido Comunista (KING, 1997). Segundo o autor, este é o registro original em cima do qual foram feitas as modificações. É portanto a segunda realidade deste momento, o momento congelado da primeira realidade, que ficou intocável e irreproduzível no passado. O momento era conturbado, a Rússia estava em plena guerra civil, com o regime comunista buscando afirmação e apoio das classes, além de buscar alternativas econômicas após uma catastrófica participação na Primeira Guerra. Neste congresso foram eleitos vinte membros plenos para o Comitê Central. Eles teriam que frequentar todas as seções e ganhavam direito a voto. Foi durante este congresso que Lenin declarou inconcebível a existência de um estado Soviético lado a lado com os estados imperialistas (CARR, 1979).

Na fotografia temos os vinte delegados deste Oitavo Congresso, começando pela fileira de baixo, da esquerda para direita: Ivan Smilga, Vasily Schmidt e Sergei Zorin. Na fileira do meio, a partir da esquerda: Grigor Yevdokimov, Stalin, Lenin, Mikhail Kalinin e Petr Smorodin. Na fileira do topo temos à esquerda: Pavel Malkov, Eino Rahja, Said Galiyev, Petr Zalutsky, Yakov Drobnis, Tomsy, Moisei Haritonov, Yoffe, David Ryazanov, Alexei Badaev, Leonid Serebryakov e Lashevich. Durante os expurgos de Stalin, onze integrantes desta imagem foram mortos e três deles (Mikhail Tomsy, Adolf Yoffe e Mikhail Laschvich) cometeram suicídio em protesto contra as políticas do Partido (KING, 1997).



Imagem 2 (KING, 1997,p.45)

Neste recorte e modificação da Imagem 1, notamos a formação de um triunvirato com Stalin, Lenin e Kalinin. Infelizmente não há precisão de quando esta foto foi publicada, no entanto, sua intenção em destacar os três membros e excluir os demais justifica um possível princípio de divisão no Partido, como os ocorridos nos anos de 1921 até a morte de Lenin em 1924 (BROUÉ, 1996). Temos Stalin postado à esquerda, Lenin ao centro e Kalinin à direita. Os dois primeiros tiveram referências presentes no primeiro capítulo deste trabalho e dispensam apresentações, já Kalinin ainda não foi citado e a título de fundamentar sua presença na fotografia segue uma breve descrição. Segundo Volkogonov (2004), Mikhail Kalinin era um dos braços direito de Stalin, um dos únicos velhos bolcheviques que permaneceram vivos durante os expurgos de seu líder. Isso deve-se ao fato de ele ter defendido fielmente a eleição de Stalin à Secretário Geral em 1922. Teve importância durante todo o período do Stalinismo na URSS presidindo de 1922 até 1946 o Comitê Executivo Central.

O objetivo de destaque fica claro ao analisarmos que não houve apenas o recorte em torno dos três personagens, mas sim a exclusão dos demais participantes e a inclusão de um fundo negro. Nota-se, também, a adição de uma névoa branca às margens da fotografia, também presente em diversas modificações, assim a fotografia assumia um status etéreo, quase divino (KING, 1997)



Imagem 3 (KING, 1997, p.45)

Similar à modificação da Imagem 2, nesta temos a exclusão da maioria dos delegados, restando apenas Stalin e Lenin. Novamente um fundo negro é posto dando maior destaque aos personagens. Diferentemente da imagem anterior, Mikhail Kalinin não está presente, no entanto sua ausência é justificada apenas pelo fator político, nada ligado à sua relação com Stalin, que como repito, foi estável até a morte de Mikhail em 1946.

Esta fotografia foi veiculada em revistas e jornais do Partido de 1925 a 1929 (KING, 1997), momento de extrema disputa pela liderança do Partido, pois foram os anos que sucederam a morte de Lenin (1924). Sendo Lenin o símbolo maior da Revolução Russa, líder soviético e de forte apelo popular, Stalin buscou de inúmeras formas forjar uma profunda intimidade com o líder, cultuando-o como um deus e colocando-se ao seu lado sempre que possível (CARR, 1979). Esta fotografia representa isso, Stalin e Lenin, juntos, somente os dois. Inferimos que para os que a viam em 1925, era o antigo líder morto ao lado de Stalin, seu “braço direito” e candidato ao poder soviético.



Imagem 4 (KING, 1997, p.45)

Para quem analisar com cuidado, esta fotografia mais parece uma pintura. E de fato pode ser confundida. Na falta de tecnologias e técnicas aperfeiçoadas de manipulação de imagens, muitas fotografias foram modificadas por consagrados artistas soviéticos com pincéis e lápis (KING, 1997). Quem retocou esta imagem foi Alexander Rodchenko⁷, publicada na revista *First Cavalry* em 1938. Naquele ano Stalin era soberano na Rússia. Temido por seus amigos e inimigos e com a polícia do Partido em suas mãos, a única ameaça era ele mesmo. Nem seu louvado líder Lenin foi poupado nesta fotografia, Stalin não precisava mais do apoio de Lenin para que seu regime se mantivesse firme (BROUÉ, 1996).

Na fotografia considerada modificada por King (1997), Stalin é o único remanescente da imagem real tirada em 1919. Todos os outros foram excluídos pelo recorte e o fundo negro. Stalin tem seu rosto e vestimentas claramente retocados, fortalecendo as cores, redefinindo os contornos de seu rosto e dando-lhe um olhar mais expressivo. Era a típica imagem do líder daquele período.

⁷ Alexander Rodchenko: Artista plástico, escultor e designer soviético. Personalidade importante no cenário cultural russo e mundial. Tornou-se um ícone da fotografia e montagens fotográficas na URSS (KING, 1997).



Imagem 5 (KING, 1997)

Fotografia 2 – O Sumiço do Comissário.



Imagem 6 (KING, 1997, p.47)

Esta fotografia de autoria de Leonidov foi tirada no dia 7 de Novembro de 1919 em Moscou e é a considerada a original por David King (1997). É um registro da comemoração do segundo aniversário da Revolução Russa. A fotografia situa-se em um dos pontos políticos mais importantes da Rússia, a Esquina Vermelha (Red Square). Nela convergiam e ainda convergem, as principais ruas de Moscou. Em seu entorno temos o Kremlin, antiga fortaleza e casa presidencial e a Catedral de São Basílio. Posteriormente, será também o endereço do mausoléu de Vladimir Lenin, onde até os dias atuais repousa o corpo embalsamado do líder soviético (VOLKOGONOV, 2004). Tais fatos exemplificam a importância política e social deste lugar e justificam a importância das manifestações públicas que ocorrem nele.

Notam-se posicionados no centro da foto os maiores líderes da Revolução Russa, Lenin e Trotski. Lenin, com casaco e boina pretos e a mão ao peito, Trotski à sua direita, de óculos, com um *cap* e a mão na cabeça. Outras personalidades

também se fazem presente nesta fotografia. Kamenev está à esquerda de Lenin, com óculos e um *cap* preto de couro. Ele participou na maioria das decisões do regime e era um integrante com grande prestígio no Partido, fazendo parte inclusive da *tróica*, junto à Zinoviev e Stalin, na disputa pelo poder contra Trotski após Lenin adoecer. Três níveis abaixo de Trotski, com uma barba negra e boina está Artashes Khalatov, um georgiano que ingressou no Partido Bolchevique em 1917 para lutar pela Revolução Russa. Iniciou participando como comissário de transportes e fornecimento alimentício, passando posteriormente à comissário de publicidade soviética (KING, 1997). Na frente de Khalatov está Maxim Litvinov, com as mãos nos bolsos e boina branca. É um antigo e importante Bolchevique, ingressando no Partido em 1898 e sendo um dos organizadores da Revolução Russa. Contrabandeou armas para a Rússia tornando a conquista possível e publicou o primeiro jornal legal Bolchevique. Foi ministro das relações exteriores de 1930 a 1939 e faleceu em 1951 sob circunstâncias suspeitas, possivelmente vítima da polícia secreta soviética.



Imagem 7 e detalhe (KING, 1997, p.46)

Para a realidade que Stalin queria firmar em seu regime, nem Trotski, seu maior opositor, nem qualquer outra forma de oposição, tiveram em algum momento participação política significativa na trajetória soviética que resultou em seu caminho ao poder. Na modificação desta fotografia, publicada em todas as edições até 1967 do *Lenin in the Art of Photography* (Lenin na Arte da Fotografia), nota-se principalmente a exclusão de Trotski. Líder e importante componente da Revolução Russa, foi o maior alvo de Stalin nas manipulações fotográficas, sendo quase impossível localizar alguma imagem sua nas mídias soviéticas durante o regime

Stalinista. O que se pode encontrar foi guardado secretamente ou publicado em mídias de outros países, exportados por opositores (BROUÉ, 1996).

Trotsky tinha conhecimento do desgosto de Lenin por Stalin, principalmente em seus últimos anos de vida, além das divergências políticas pontuais entre os dois, já citadas no capítulo 2, todos estes fatores fortaleciam a vontade de Stalin em “apagar Trotski” da memória soviética, sobrepor esta realidade sem Trotski sobre a realidade vigente. Uma fotografia de Trotski ao lado de Lenin era uma ofensa à imagem de Stalin e, ao passo que representava uma aproximação entre os dois, tornava-se contraditória às diversas acusações de Stalin contra o próprio Trotski. Então sua exclusão seria necessária para o suporte do regime.

Kamenev também foi deletado da fotografia. Como dito anteriormente, participou da *tróica* junto com Zinoviev e Stalin. Entretanto, durante a implantação da NEP, viu a aliança ser destruída quando Stalin apoiou o ideal econômico de Bukharin ao invés de o defendido por ele e Zinoviev. Foi vítima de uma grande sacada de Stalin, que não concordou com a exclusão de Trotski do Partido, sugerida por Kamenev. Curiosamente, após ser expulso do partido, Kamenev uniu-se justamente a Trotski para formar a Oposição de Esquerda e combater o crescimento de Stalin. Foi considerado “inimigo do povo” e durante os expurgos condenaram-lhe a fuzilamento, efetivado no Processo de Dezesseis, em 1936. Os estilhaços dos projéteis parecem ter respingado na fotografia. Assim repetiu-se com todos os fuzilados durante os expurgos. Khalatov foi executado em 1937 e também foi excluído da fotografia.

Maxim Litvinov permanece na fotografia. Não existem provas de que sua morte foi consequência do regime, somente suspeitas, isso pode justificar sua permanência. No entanto, outro julgamento pode ser feito no caso de a suspeita se confirmar. Litvinov morreu em 1951, apenas dois anos antes da morte de Stalin, e o governo posterior de Nikita Khrushchev (1953-1964) teve uma forte política de desestalinização, não adotando as medidas tomadas por seu antecessor (VOLKOGONOV, 2004).

Analisando a questão técnica, nota-se um descaso pela exclusão de Trotski. Um borrão é posto aonde localiza-se, excluindo um cidadão posicionado atrás e sem preocupação em retocar o cartaz ao fundo que simplesmente desfigura-se. O que temos é simplesmente uma névoa ao lado de Lenin. Um pouco mais de atenção foi dada à exclusão de Kamenev e Khalatov. O primeiro saiu dando lugar a

reconstrução artística da face do cidadão que se encontrava atrás dele, no entanto, aguçando a visão, notamos que a roupa de Kamenev, um casaco escuro, permanece na fotografia. Já Khalatov deu lugar à reconstrução artística do casaco e parte do queixo do cidadão postado atrás dele.



Imagem 8 (KING, 1997)

Fotografia 3 – Próximo a Lenin



Imagem 9 (KING, 1997, p.74)

A foto acima foi batida em 19 de Julho de 1920 e David King considera-a o registro original. Nela está presente Lenin e os delegados do Segundo Congresso da Comunista Internacional. Estão postados nos degraus do Palácio Uritsky em Petrogrado. As figuras de maior importância nesta foto são Nikolai Bukharin⁸, idealizador da NEP no governo de Stalin, entre os pilares da esquerda com um cigarro nas mãos. Lenin, líder da Revolução Russa à frente e a esquerda. Maxim

⁸ Membro do Comitê Central do Partido. Defendeu a permanência da NEP e o poder dos *kulaks*.

Gorky, escritor e ativista político, atrás de Lenin. Zinoviev⁹, político bolchevique sempre ligado a Kamenev, ao lado de Gorky e com uma gravata branca, e Maria Ulyanova, irmã de Lenin, ao centro de camisa branca e com uma bolsa na mão esquerda. Uma cópia desta fotografia foi entregue a cada um dos delegados presentes na conferência (KING, 1997).



Imagem 10 (KING, 1997, p.75)

Ao analisarmos a Imagem 10, percebemos que da foto original de 1920 (KING, 1997) remanesceram apenas Lenin e Gorky. Todos os demais delegados foram excluídos ou pelo corte ou pelos retoques. Para justificar a presença dos dois devemos primeiramente apresentar Maxim Gorky. Escritor russo, foi exilado para os Estados Unidos pelo governo czarista pois suas obras criticavam a política do Czar, viveu algum tempo na América mas passou a maior parte dos anos em Capri na Itália, onde desenvolveu a maioria de suas obras e ganhou reconhecimento internacional. Devido a Primeira Guerra, ele volta para a Rússia em 1914, onde participa discretamente dos trâmites da Revolução Russa, sem no entanto ir para os frentes. Começa a participar dos congressos do Partido e torna-se um ativista político e amigo de Lenin. Contudo, em 1921, Gorki é acometido por uma doença

⁹ Membro do Birô Político. Formou, junto a Stalin e Kamenev, a *tróica*. Tornou-se opositor de Stalin no decorrer do regime.

nos pulmões e retorna para tratamento na Itália. Sua volta para a Rússia se dá apenas em 1928, quatro anos após a morte de Lenin (VOLKOGONOV, 2004).

Stalin sempre demonstrou enorme admiração pela literatura e tinha gosto pela obra de Maxim Gorky:

É claro que não podia ler tudo, mas depois que sua biblioteca foi reorganizada, muitos dos livros de encadernação barata do período permaneceram em sua coleção, com anotações de próprio punho em vermelho, azul ou lápis comum. A julgar pois tais anotações, parece que Stalin se familiarizava com *Chapaev*, de Furman, com *A Rebelião* e *A Corrente de Ferro*, de Serafimovich (...) e com as obras de Gorky, que amava,... (VOLKOGONOV, 2004, p.127).

Sem dúvidas, quando Gorky retornou à União Soviética, Stalin aproximou-se do escritor. Elevou-o, o que talvez já fosse, ao patamar de o maior escritor soviético da época através das publicações e propagandas do Partido. A amizade entre os dois foi concretizada quando fundaram juntos o Instituto de Literatura Maxim Gorky em 1933. Em levantamentos realizados posteriormente, Gorky estava entre os autores favoritos dos russos, junto de Tolstoi, Tchekov e Pushkin (HOLLANDER, 1974, p.149), e nada melhor para reputação de Stalin do que ter sua imagem ligada à do escritor.

Com base nisso, e nas já citadas necessidades de fortalecimento da idéia de intimidade e similaridades entre Lenin e Stalin, a fotografia foi modificada para deixar apenas Lenin e Gorky juntos. Com a amizade entre Stalin e Gorky sendo divulgada pelos canais midiáticos de comunicação soviéticos, era de grande favor ao seu regime que o novo amigo do líder houvesse sido outrora amigo do maior líder (Lenin).

O trabalho de pintura e reconstrução foi muito utilizado nesta manipulação. Todos os pilares do parapeito foram pintados, além de dois degraus e o pé do pilar grande. A exemplo do registro mais antigo, tratado como a fotografia original por David King (1997), onde já se tinha um fundo escuro, no local que estavam os demais delegados participantes foi posto um fundo igualmente escuro. Até mesmo as plantas aos pés de Lenin, que não necessitavam ser retocadas, aparentemente tiveram alguns ajustes, talvez para manter o mesmo tom e harmonia das outras modificações (KING, 1997).



Imagem 11 (KING, 1997)

Fotografia 4 – Quatro, três, dois, um.



Imagem 12 (KING, 1997, p.104)

Esta fotografia, considerada o registro original (KING, 1997) foi tirada em 1926 em Leningrado, o motivo foi a comemoração da destruição da oposição anti-stalinista comandada por Zinoviev. Stalin havia recém posto Kirov como primeiro secretário do Partido em Leningrado. Na fotografia temos à esquerda Nikolai Antipov, Stalin, Sergei Kirov e Nikolai Shvernik.

Antipov era um antigo bolchevique, presente no Partido desde 1912. Seu cargo de maior importância foi o de presidente da Cheka e GPU de Petrogrado - Leningrado. Kirov era o primeiro secretário do Partido em Leningrado, principal cidade soviética junto a Moscou, tornando-se um dos mais envolventes e populares

políticos da URSS. Shvernik era secretário do Comitê Central do Partido Comunista e foi promovido a Chefe de Estado por Stalin, posto que ocupou até a morte do líder em 1953.

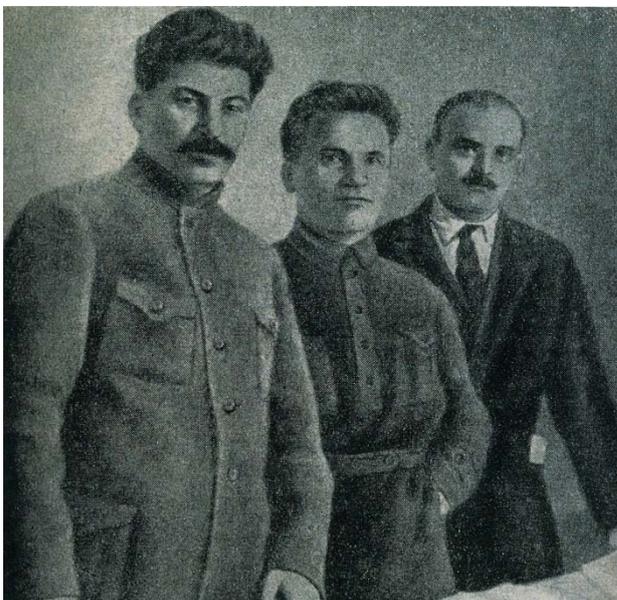


Imagem 13 (KING, 1997, p.105)

A modificação desta imagem se dá na exclusão de Nikolai Antipov. De fato era o membro de menor expressão política na fotografia e provável que isso já bastasse para seu desaparecimento. Entretanto, sumir em uma fotografia durante o regime de Stalin era sinônimo de morte, e não foi diferente com Antipov. Curiosamente, esta foto foi publicada em 1940 no *History of the URSS* e Antipov foi morto somente em 1941. Antes que se imagine que foi a manipulação que o levou à morte, Nikolai Antipov havia sido preso em 1936, servindo de bode expiatório para confusões na GPU durante sua troca de comando para NKVD, e permaneceu preso até ser morto na prisão de Orel, pouco antes de os nazistas invadirem o território rumo a Moscou (KING, 1997).

A qualidade da fotografia é ruim. A justificativa, segundo David King (1997), é que a revista *History of the URSS* possuía uma péssima qualidade de impressão. Além da exclusão de Antipov através de um recorte, nota-se a retirada de um pilar atrás de Shvernik. A explicação plausível para esta falta de cenário pode ser para dificultar uma possível localização e datação da fotografia, mas isto são apenas inferências deste analista.



Imagem 14 (KING, 1997, p.106)

Na Imagem 14 percebe-se a saída de Nikolai Shvernik. Ele se enquadra na mesma situação de Kalinin na análise da Imagem 3. Sua saída se justifica por questões de estratégia política e não por ser um inimigo de Stalin. Ela foi publicada no ano de 1949 em *Joseph Stalin – A Short Biography*. Kirov havia sido assassinado em 1934, época em que era considerado o sucessor de Stalin. Circunstâncias estranhas em sua morte levantaram suspeitas de que o crime havia sido encomendado por Stalin, pois ele temia perder o poder para Kirov. As evidências ganhavam forças com as publicações de Trotski, que mesmo fora da URSS, atacava o regime de Stalin. Em contrapartida, Stalin inverte as acusações, culpando Trotski e os opositores trotskistas pelo assassinato, e assim, milhares de pessoas durante os expurgos tiveram em suas penas a acusação de terem participado do crime (BROUÉ, 1996).

Com objetivo de demonstrar seu apreço à Kirov, Stalin enterrou-o no Kremlin, criou diversas estátuas e colocou seu nome em ruas, praças e em uma cidade (VOLKOGONOV, 2004). Esta fotografia, com apenas os dois, reforça este apreço e tenta representar a amizade que teriam. A modificação sugerida por King (1997) apresenta uma áurea branca ao redor de suas cabeças, trazendo maior destaque ao seus rostos. Voltam os documentos presentes no registro mais antigo, remetendo-os a homens sérios, trabalhadores da política soviética, os líderes da nação.

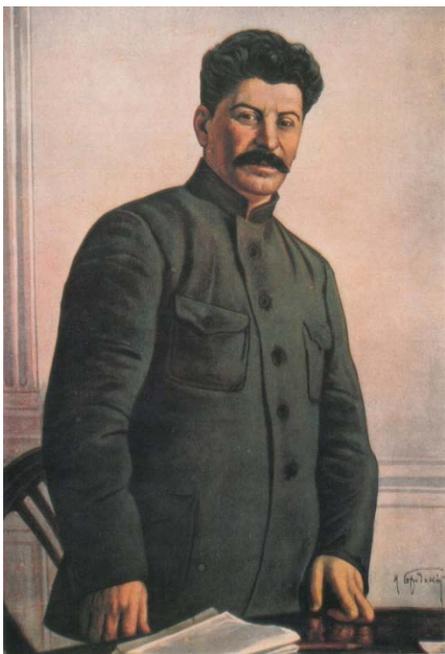


Imagem 15 (KING, 1997, p.107)

Seguindo a lógica das exclusões, pode-se supor que esta foi a mais recente manipulação da fotografia considerada original por David King (1997) durante o regime de Stalin. No entanto, esta modificação na Imagem 15 ocorreu antes das presentes nas imagens 13 e 14. Na realidade temos retoques a óleo de Isaak Brodsky, famoso artista soviético e a manipulação foi feita à pedido de Stalin em 1929 (KING, 1997). Nela o líder ganha cor, é vivo, a mesa é de madeira lustrosa e o cenário aparece ao que remete a uma arquitetura dórica.

Segundo Carr (1979), o ano de 1929 é um dos mais conturbados do regime Stalinista. A crise econômica estava em seu ápice, Trotski havia sido expulso da URSS e Bukharin saía do Partido. A política do NEP se mostrou ineficaz e começava a ser implantados Planos Quinquenais com seus coletivizações. Era necessário um líder forte, uma figura respeitável e pronta para enfrentar os problemas econômicos e de oposição que o Estado sofria, e desta necessidade fez-se esta e inúmeras outras pinturas, que glorificavam o líder máximo soviético, Joseph Stalin.

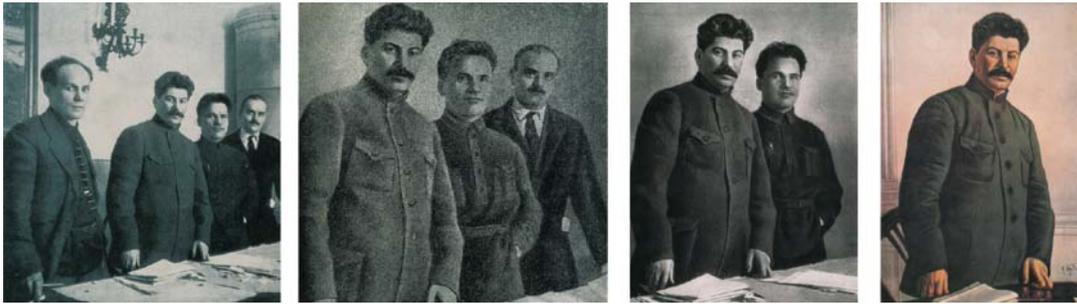


Imagem 16 (KING, 1997)

Fotografia 5 – Afogado em Sangue



Imagem 17 (KING, 1997, p.163)

Esta fotografia foi tirada em 1937, no auge dos expurgos de Stalin. O local da fotografia é à beira do Canal Moscou-Volga, que ligava hidroviariamente o Rio Moscou ao Rio Volga e conseqüentemente, conectava a capital Russa aos mares. Sua construção teve o custo e trabalho de muitas vidas, todas prisioneiras do regime e obrigadas a trabalhar forçadamente (KING, 1997).

Temos à esquerda Kliment Voroshilov, membro do Comitê Central e militar soviético. Foi transformado em Marechal da União Soviética em 1935, sendo responsável pela denúncia de diversos colegas militares que seriam posteriormente mortos pela NKVD. Permaneceu na política até a morte de Stalin e foi deposto de seu cargo no Comitê Central por Khrushchev e seu governo desestalinizador (VOLKOGONOV, 2004).

Mesmo final teve Vyacheslav Molotov, que se encontra ao seu lado na fotografia. Durante o regime de Stalin, foi presidente do Conselho Nacional de Comissários e Ministro de Negócios Internacionais, homem de extrema confiança de Stalin, teve

três grandes marcos em sua trajetória política: a negociação do tratado de paz Rússia-Alemanha durante a Segunda Guerra, o encabeçamento do projeto da bomba atômica soviética após a descoberta do Projeto Manhattan, e durante a guerra fria, após bombardeios soviéticos sobre a população da Finlândia, teve seu nome associado ao coquetel explosivo utilizado pelos finlandeses, o coquetel Molotov (VOLKOGONOV, 2004).

Ao centro temos Stalin e a sua direita Nikolai Yezhov. Yezhov era um velho bolchevique que havia participado das batalhas durante a Revolução Russa. Fez seu nome no partido conquistando a confiança de Stalin e tornando-se chefe da NKVD de 1936 a 1938, época do auge dos expurgos. Devido a isto, sua política brutal e rígida, exercida ao lado de seu comandado e sucessor Lavrentiy Beria, teve a alcunha de *Yezhovshchina*, a Era de Yezhov. Posteriormente, em 1938, foi realocado para Comissário do Povo do Transporte Hidroviário



Imagem 18 (KING, 1997, p.163)

A Imagem 18 é considerada manipulada por David King (1997) e foi publicada em 1940. Precisamente a figura de Yezhov é apagada. Sem julgamento moral, pode-se dizer que Yezhov foi vitimado duplamente pelo governo de Stalin, amarrado às ordens do líder e sob as penas do mesmo. Foi Stalin quem ordenou a NKVD e autorizou Yezhov a prender e executar os velhos bolcheviques e intensificar a busca por “inimigos do povo”. Apenas da própria NKVD foram mais de 23 mil mortos (VOLKOGONOV, 2004). Sob as indicações de Voroshilov, Yezhov eliminou 90% dos comandos de cargos militares. Estava cumprindo ordens de Stalin e sabia qual seria o fim caso não as obedecesse. Por esta obediência rígida e visível às ordens do

líder, a imprensa, censurada a noticiar informações positivas, cultivou a imagem de Yezhov como um grande exemplo de político Stalinista: “o mais leal pupilo Stalin”, “um homem que conhece as pessoas”, “maravilhoso e implacável bolchevique que dia e noite, sem se levantar da cadeira, está desvendando e cortando as ligações da conspiração fascista.” (VOLKOGONOV, 2004, p.329)

O reflexo da morte das pessoas começou a aparecer em 1938, os relatórios das indústrias, fábricas e ferrovias demonstravam um decréscimo de produção e funcionamento por ordem pessoal. Cargos gerenciais haviam sido ocupados por pessoas inexperientes, sem comando e experiência. No ano seguinte, com a explosão da Segunda Guerra Mundial, o exército soviético estava sem pessoas competentes para exercerem as funções primordiais de guerra. Stalin percebeu que era preciso dar uma pausa nos expurgos e se livrar de alguns funcionários sob a acusação de excessos, exorbitâncias e abuso de autoridade. A maior responsável pelas mortes era a NKVD, liderada por Yezhov, e a maior ligação da NKVD com a imagem de Stalin era, sem dúvidas, Yezhov. Necessitando de um bode expiatório para a situação, Stalin destituiu Yezhov em 1938 e transformou-o em Comissário do Povo de Transportes Hidroviários. Um ano mais tarde ele foi preso e em 1940 foi fuzilado.

Terrível coincidência, Yezhov foi morto quando era responsável pelos transportes hidroviários soviéticos e justamente em um dos canais de sua competência sua imagem foi “afogada” pelos retoques para que sua figura desaparecesse do lado de Stalin na Imagem 18. O mesmo canal construído pelos prisioneiros da própria NKVD foi o mesmo que definiu o fim de sua figura fotográfica.



Imagem 19 (KING, 1997)

Encerramos este capítulo de análise levantando novamente a questão das realidades. As fotografias apresentadas são nitidamente diferentes uma das outras embora muitas remetam a um mesmo instante ou acontecimento. São os conflitos

de realidades. Enquanto a primeira realidade, a cena fotografada, fica intacta em um passado sem volta e a segunda realidade é o registro desta cena congelada, a terceira realidade é a única que conflitua com as demais, ao ponto que tenta modificar a primeira e sobrepor-se à segunda.

No momento que Stalin ordenava a criação de uma terceira realidade, ficava por conta de cada indivíduo aceitá-la ou não, mas este era sempre alertado das penas sujeitas àqueles que ainda se apegassem às realidades passadas. Cito passadas, pois além da primeira e segunda realidade, podemos notar que muitas vezes até mesmo a terceira realidade sofria modificações e censuras. Era um verdadeiro jogo de verdades. O importante era estar sempre bem informado para saber em qual realidade se estava vivendo naquele momento.

5. Considerações Finais

A questão levantada por esta pesquisa era de como o poder de Stalin interferiu na memória social sobre documentos fotográficos soviéticos e quais os métodos utilizados para buscar o êxito. Para isto baseamos nossa hipótese nas ideias de realidade de Kossoy (2009) e sugerimos que Stalin, quando modificava uma fotografia, criava uma nova realidade, a terceira realidade.

Para os objetivos de Stalin, apenas criar uma realidade de nada adiantaria em seu combate à oposição caso ela não se tornasse a absoluta. A terceira realidade, baseada nos conceitos de Kossoy (2009), deveria ser a única na União Soviética e para elevá-la a este patamar seriam necessários diversos aparelhos ideológicos e repressivos, aparelhos estes que o regime tinha em suas mãos.

No entanto, se fossemos avaliar o sucesso de Stalin nessa guerra de realidades, podemos defini-la como eficaz para seu governo, mas sem êxito no panorama mundial e histórico. Sem dúvidas, enquanto esteve no comando do regime, Stalin conseguiu através da repressão e manipulação ideológica, que as memórias de seu povo fossem interrompidas em se tratando de personagens da oposição. À medida que antigos aliados ou desafetos passavam a ser considerados “inimigos do povo”, suas imagens em fotografias, pinturas ou até em esculturas era de divulgação proibida. Quem possuísse estas imagens estaria cometendo um crime e seria preso, com sérios riscos de ser condenado à morte. As publicações passavam a ter estes personagens retirados das imagens e nem mesmo seus nomes poderiam ser mencionados.

Modificar estas fotos, retirando e/ou incluindo pessoas e cenários, era uma maneira de alterar a informação dos documentos e passar uma mensagem aos seus espectadores. Ao publicar a fotografia manipulada, Stalin doutrinava sua população, não fosse pela notória exclusão de um personagem, seria pela opressão dos aparelhos de estado. As revistas, jornais e rádios, serviam não como meios de comunicação, mas sim como meios de propaganda partidária. Qualquer mensagem comunicada era de cunho ideológico do partido, o que incluiu as fotografias e principalmente suas manipulações. Ver diversas fotos de Stalin sempre ao lado de Lenin, os opositores sem nenhum espaço na mídia, são questões que levavam e fortaleciam a crença na terceira realidade.

Estas eram as ferramentas do regime para impor a terceira realidade. Ao retirar um personagem de uma fotografia, Stalin buscava na verdade sua exclusão da

história, da memória e enfim da realidade presente até o dado momento. Em comparação às realidades defendidas por Kossoy (2009), a terceira realidade apresenta uma diferença importante. Enquanto nos conceitos do teórico a primeira e segunda realidades podem conviver mutuamente, a terceira realidade apresenta um egoísmo existencial, pois no momento que for criada, tanto a primeira quanto a segunda realidade devem ser excluídas. A terceira realidade deveria ser a única vigente, e para conseguir este domínio Stalin não cansou-se de utilizar os aparelhos ideológicos e repressivos do estado, prendendo, exilando e assassinando, o que resultou em aproximadamente 40 milhões de vítimas (BROUÉ, 1996).

De certa forma, vemos estas atitudes como uma demonstração de poder do regime, tendo em vista que muitas vezes uma mesma imagem era publicada em diferentes épocas com modificações diversas, trazendo inúmeras realidades ao espectador. É difícil acreditar que o povo não desconfiava de algumas modificações, de modo que ou já tinha visto a fotografia original anteriormente, ou a falsificação era mal feita, produzida de forma grosseira. No entanto, fora de seus íntimos, assumiam o papel de ingenuidade ao qual eram instruídos. Vejamos uma evidência desta sensação no diário do escritor Mikhail Prishvin:

29 de novembro de 1937

Nosso povo russo, como árvores cobertas pela neve, está tão sobrecarregado com os problemas da sobrevivência – e deseja tanto conversar sobre eles – que simplesmente não dispõem mais da força para resistir. Mas assim que alguém cede, é ouvido por outra pessoa – e desaparece! As pessoas sabem que podem ter problemas por causa de uma simples conversa – assim, entram em uma conspiração de silêncio com os amigos. Meu caro amigo N... ficou muito feliz ao me ver em um vagão [de trem] lotado, e quando, finalmente um assento ficou vago, sentou-se ao meu lado. Ele queria dizer algo, mas não podia fazê-lo em meio a tanta gente. Ele ficou tão tenso que, sempre que se preparava para falar, olhava em volta para as pessoas que estavam de um lado, depois para as que estavam no outro, e tudo o que conseguiu dizer foi: “Sim...” E eu disse o mesmo em resposta, e dessa maneira, durante duas horas, viajamos juntos de Moscou para Zagorsk:

“Sim, Mikhail Mikhailovich.”

“Sim, Georgii Eduardovich.” (PRISHVIN apud FIGES, 2010, p.302).

A questão, que se revela na atualidade e nos relatos da bibliografia Sussurros¹⁰ (2010), utilizada nesta pesquisa, é como se comportaria esta idealização e doutrinação sem o regime de Stalin ou um governo da mesma situação. As massas seguiriam escondendo-se atrás da máscara ideológica que o sistema as havia

¹⁰ Livro do historiador Orlando Figes, publicado em 2010 pela Editora Record. Contém inúmeros relatos de sobreviventes do regime de Stalin.

impelido caso não sofressem repressão do mesmo? De fato não. A oposição sempre esteve presente. Se não dentro da União Soviética, pois era caçada e exterminada, ela se manteve ativa internacionalmente, não permitindo que as peripécias da propaganda soviética se difundissem para fora de suas fronteiras.

Contra seu projeto, Stalin também sofreu com a oposição e desorganização que surgiram após sua morte. Tendo logo Khrushchev como seu sucessor, que se revelou um opositor de primeira de sua política, Stalin teve seus métodos para implantar a sua ideologia, doutrina e repressão condenados e criticados. Isso fez parte do enorme movimento de desestalinização ocorrido durante seu governo (1953 – 1964).

Khrushchev é considerado por muitos como um reformista, modificou as políticas econômicas e surpreendeu a todos quando em 1956, no XXº Congresso do Partido Comunista, revelou o “discurso secreto”, onde culpava Stalin por todos os expurgos ocorridos na União Soviética durante seu regime e condenava o culto à personalidade do líder durante e posteriormente ao seu governo. Sua ideia era até certo ponto similar a de Stalin, ao passo que batiam em desligar a imagem da oposição à construção do poder comunista soviético. Escancarou assim seu combate aos simpatizantes do Stalinismo que ainda buscavam retornar ao poder, o que ficou mais evidente quando Beria, homem de confiança de Stalin e ainda chefe da NKVD, foi preso e condenado a morte em 1953. Seu descontentamento com o antigo governo se mostrou presente quando um jornalista lhe perguntou o que fez durante o regime de Stalin: “Bem, fiz o mesmo que a pessoa que perguntou acabou de fazer. Fiquei de boca fechada.” (KHRUSHCHEV apud EBON, 1987, p.72). Essa nova visão e panorama foram adotados pelos governos seguintes, até atingir seu ápice com Gorbachev (1981 – 1995) e a *glasnost*, abertura política, onde milhares de documentos secretos foram revelados.

O controle sobre as publicações estiveram presentes desde quando Lenin começou a adoecer. Um grande esquema estava armado, desde a burocratização do Partido, deixando-o nas mãos dos Aparelhos de Estado e estes Aparelhos sendo comandados pelas mãos do secretário geral, Stalin. Já nos primeiros dias, a ainda nem formada oposição sofria na figura de Trotski, que tinha seus manifestos contra Stalin proibidos de veicular (BROUÉ, 1996).

Em toda sua trajetória, se fossemos eleger um grande inimigo para Stalin, sem dúvidas seria Trotski. Era a oposição em pessoa. Lutou contra o regime stalinista até ser assassinado em 1941. Além disso, era um dos homens de confiança de Lenin, figura a qual Stalin buscava uma imagem de aproximação para aumentar seu prestígio com a população, e portanto, devia desligar a relação entre os dois. Com o poder dos aparelhos em suas mãos Stalin contrapunha os ideais de Trotski e Lenin, provocando conflitos ideológicos que apenas exaltavam os seus pensamentos. Ao mesmo tempo, forçava o culto à sua personalidade, com seu retrato em todas as residências e estabelecimentos soviéticos, geralmente ao lado de o de Lenin. Como vimos no capítulo quatro, muitas modificações em fotografias foram feitas para reforçar este laço de amizade e confiança, que mesmo supondo ter existido, estava muito desgastado nas vésperas da morte de Lenin (CARR, 1979).

Essas possibilidades só se tornaram possíveis pois ele tinha total controle tanto dos Aparelhos Ideológicos do Estado quando dos Aparelhos Repressivos do Estado. No campo ideológico, os canais midiáticos de comunicação soviéticos reforçavam seus ideais repetidamente em jornais, agitadores e programas de rádios, as crianças eram doutrinadas nas escolas (HOLLANDER, 1974) e aqueles sem pais tomavam partido nos orfanatos (FIGES, 2010). Pelo lado da repressão, o medo e o terror, conceituados por Tchakhotine (1964), obrigavam os cidadãos a manterem-se na linha de conduta através de uma política com lógica de prisões, trabalhos forçados e execuções. Os dois aparelhos combinavam-se no âmbito familiar, aonde tínhamos a doutrina ideológica familiar nas crianças e jovens, guiada pelo medo e temor de que os filhos e até eles mesmos sofressem as penas caso acusados como inimigos do povo (FIGES, 2010).

Uma idéia que vale ser ressaltada é o cruzamento de trechos de duas citações presentes nesta pesquisa, a primeira é de Orlando Figes:

Mas para aqueles com menos de 30 anos, que só conheciam o mundo soviético ou que não tinham herdado outros valores de suas famílias, era quase impossível se distanciar do sistema de propaganda e questionar seus princípios políticos (FIGES, 2010, p.328)

E a segunda é de Roland Barthes:

Esta distorção entre a certeza e o esquecimento me deu uma espécie de vertigem, (...) fui ao vernissage como a um inquérito, para enfim tomar conhecimento daquilo que eu não sabia mais a meu respeito (BARTHES, 1984, p.128).

Aqueles que sofreram a doutrinação soviética sem ter contato com qualquer outro tipo de ideologia ou pensamento opositório, acabavam neste mesmo limbo entre a certeza e o esquecimento, ou de forma mais eficaz, tomavam apenas a certeza de ser aquela a única e correta ideologia. O esquecimento nem existia pois sequer havia em suas mentes o que esquecer. Como disse Halbwachs (2006, p.91), a lembrança é uma reconstrução do passado baseada no que é fornecido no presente. Alterar de forma total este presente é conseguir manipular a lembrança, a memória, e enfim, a história. Contudo obter esta totalidade é uma tarefa difícil, e Stalin não conseguiu. Na linha de tempo a seguir destacamos o período de governo de Stalin:



Imagem 20

Para que conseguisse atingir seu objetivo de apagar sua oposição da memória soviética, Stalin precisaria contar com um governo longo, que acompanhasse cerca de três a quatro gerações de seu país tomando as mesmas medidas, e voltar a um dos ideais primordiais de Trotski, que era de expandir a revolução mundialmente. Suas técnicas de repressão e censura em todos os canais, literário, midiático e oral, somados ao terror e medo de condenações e mortes, só seriam eficazes enquanto tivessem os Aparelhos do Estado sob seu comando durante várias gerações, algo possível, somente, com uma unidade partidária permanente ou, quem sabe, na personificação de um ser imortal, mas para isso, convenhamos, seus poderes de persuasão teriam que se elevar a outro patamar.

O fato de não ter conseguido efetivamente apagar as primeiras e segundas realidades, e não ter obtido êxito em tornar sua terceira realidade a absoluta, foram os principais pontos para o fracasso de sua intenção de interferir na memória social soviética. Os governos posteriores e opositores utilizaram-se dos resquícios destas realidades para revitalizá-las, e com suas presenças combater a terceira realidade imposta por Stalin. A terceira realidade de Stalin teve sua morte anunciada assim que seu criador faleceu, sem dúvidas deixou marcas nas futuras gerações, mas elas são apagadas na medida em que as realidades passadas são resgatadas.

Mesmo com nossa intenção distante de partidarismos ou pensamentos maniqueístas, tanto Stalin, como Hitler, Mussolini, Mao Tse Tung, Pol Pot, apesar de terem todos uma importância positiva em algum fator de suas nações, carregam consigo o negativismo de regimes baseados em mortes, censura e unipartidarismos. A política democrática, para onde caminha a tendência global, condena esse tipo de governo, e este projeto, de tal forma, serve como uma ferramenta de análise e, quem sabe, de alerta. Estes líderes não nasceram simplesmente no dia em que lhes foram dadas posse, eles foram construídos pelo meio, tiveram apoio de seu povo e incentivos políticos, tendo a mídia como um forte pilar de opressão e propagação de suas ideologias.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado: Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BROUÉ, Pierre. **União Soviética: Da revolução ao colapso**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

CARR, Edward. **A Revolução Russa de Lenin a Stalin: (1917 – 1929)**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

DEUTSCHER, Isaac. **Stalin: A história de uma tirania Tomo 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

DEUTSCHER, Isaac. **Stalin: A história de uma tirania Tomo 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

EBON, Marin. **Os Grandes Líderes: Khrushchev**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.

FIGES, Orlando. **Sussurros: A vida privada na Rússia de Stalin**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

GIL, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HOLLANDER, Gayle. **Doutrinação Política Soviética**. Rio de Janeiro: Agir, 1974.

JAHN, Néelson. **Propaganda: Ideologia e Manipulação**. Rocket Edition, 1999.

KING, David. **The commissar vanishes: the falsification of photographs and art in Stalin's Russia**. Nova Iorque: Metropolitan Books, 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1988.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

POMIAN, Krzysztof. **Memória**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **O Imaginário**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

STALIN, Josef. **Minha luta contra Trotski**. Porto Alegre: Editora Open, (?)

TCHAKHOTINE, Sergei. **A mistificação das massas pela propaganda política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

TROTSKI, Leon. **A história da revolução russa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TROTSKI, Leon. **Da Noruega ao México: Os crimes de Stalin**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Laemmert, 1968.

TROTSKI, Leon. **Stalin**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1947.

VOLKOGONOV, Dmitri. **Stalin: Triunfo e Tragédia – Volume 1 e 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

Glossário

Apparatchik: Homem do aparelho, burocrata partidário.

BP: Sigla de Birô Político do Comitê Central do Partido.

CC: Comitê Central do Partido.

Duma: Parlamento

Glasnost: Transparência em russo. Referente à um dos aspectos da reforma efetivada por Gorbatchov.

GPU: A polícia política soviética. Sucedeu a *Tcheka*.

Gulag: Campo de trabalhos forçados.

Inimigo do Povo: Alcinha designada àqueles acusados de qualquer atividade contra o Partido, o regime ou a Stalin.

KGB: A polícia política soviética. Sucedeu a NKVD.

Kolkhoz: Fazenda coletiva, cooperativa entre famílias.

Kulak: Camponês abastado.

NEP: Nova Política Econômica, implantada em 1922.

Nepman: Homem da NEP. Geralmente voltado aos beneficiados.

NKVD: A polícia política soviética. Sucedeu a GPU.

PC: Partido Comunista.

Pravda: Palavra russa para verdade. Título do jornal do Partido Bolchevique e depois do Partido Comunista da União Soviética.

Tcheka: Comissão Extraordinária criada para combater as atividades contra-revolucionárias após a Revolução de 1917.

URSS: Sigla de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Velho(s) Bolchevique(s): Alcinha para bolcheviques com militância contínua, desde a fundação do partido até a tomada do poder.